

PACAEMBU

DE GRAMADO A CANTEIRO DE OBRAS



BIANCA ANACLETO

“Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém”

Eduardo Galeano

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e ao ensino público, gratuito e de qualidade. O espaço onde cresci e me desenvolvi como cidadã, onde aprendi com os melhores professores e fiz amigos que vou levar para a vida. Sem a Universidade, jamais teria traçado a jornada de quatro anos e meio para ser Jornalista.

Ao Pacaembu, o estádio que mora no meu imaginário e com quem convivi, diariamente, por mais de um ano. Essa “casa da vó” me acolheu como neta e me mostrou o futebol democrático e plural. Agradeço imensamente ao Sérgio Miranda Paz, Carlos Zoega Coelho, Leandro Iamin, Matheus Ortega Ricci, Sandro Ricci, Victor Yokoo Dionísio, Gabriele Martinez, Fernando Martinez, Ademir Takara, Edson Sorriso, Gil Rampazzo, Maria de La Asunción Carmo Blanco, Stela Da Dalt, Daniel Boulos, Silvia Wolff, Gabriel Moreira Monteiro Bocchi, Marcus Arthur de Moraes Costa, Ricardo Pucci, Ricardo Thomé, Plínio Labriola Negreiros, Paulo Antunes e Márcio Setembri por compartilharem suas histórias e seus conhecimentos sobre o nosso Pacaembu.

À Melina de la Barrera Ayres, minha querida orientadora, com quem dividi cada uma das páginas e ideias do livro-reportagem. Agradeço muito pelo apoio, correções e ideias nesta trajetória.

À Aline Ramalho, uma amiga que fez na redação e quem fez, de forma primorosa, o projeto gráfico do livro. Ao César Cartum, outro amigo de redação, que com seu traço representou a reportagem na capa do livro.

À minha família por todo apoio nesses quatro anos e meio de graduação feitos longe de casa. À minha mãe Verinha por ler todas as minhas reportagens. Ao meu pai João por ter me ensinado a assistir futebol. À minha vó Carmelina por ser a melhor das avós. À minha irmã Beatriz com quem senti saudade de implicar neste período distante. Ao meu

irmão Guilherme que me motivou a ser torcedora.

À minha família manezinha, formada por gaúchos e catarinenses, os quais conheci na faculdade e com quem compartilhei as inseguranças e alegrias do dia a dia. À Mariana Oliari, Patrícia Sadovnik, Marcos Albuquerque, Nicole Matos e Thaís Martins obrigada por todos os cafés, RUs, rolês e domingos na UFSC. Também ao Gabriel Oliveira e André Bassani, amigos com quem compartilhei as discussões futebolísticas e trabalhos da graduação.

Aos meus amigos paulistanos, os quais senti saudade e com quem fiz muitas chamadas de vídeo. Ao Lucas Xastre Zacari, Arthur Nascimento, Lucas Neri, Leonardo Pomar, Paulino Cassiano, Caio Fernando, Daniel Ynoue e Arthur Guerra. Obrigada por estarem presentes mesmo com a distância de mais de 700 km.

Ao Dalton Barreto, ao Marco Antônio dos Santos e ao Peter Lobo pelo apoio durante a graduação. O departamento de Jornalismo não seria o mesmo sem o trabalho de vocês.

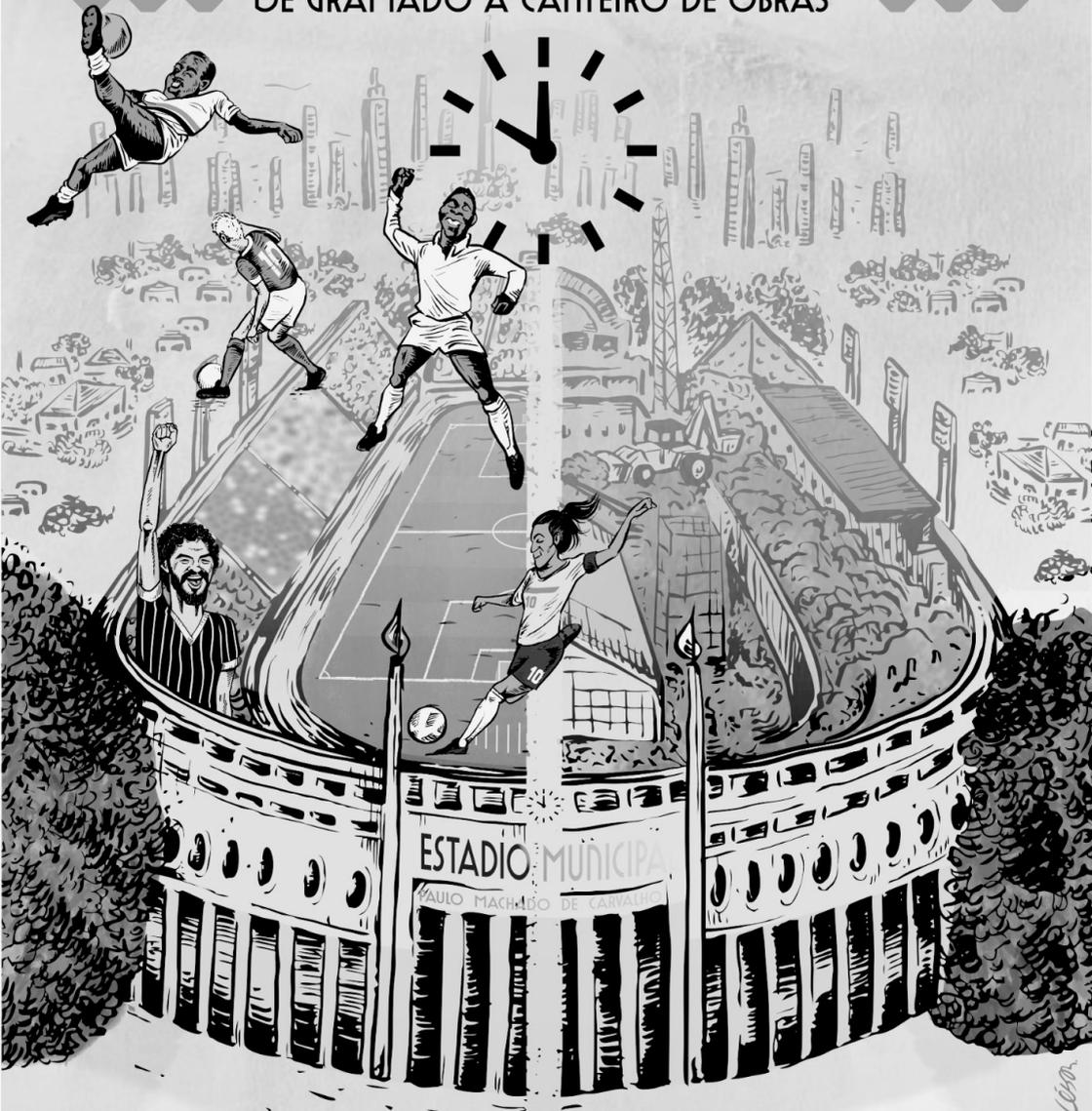
Ao TJ UFSC e à Comunica Empresa Júnior, projetos de extensão que foram espaços de acolhimento e experimentação do Jornalismo, que me ajudaram a ser mais criativa e crítica.

Agradeço aos profissionais incríveis com quem trabalhei na NSC Total, que me ensinaram muito e que considero meus amigos. À Carolina Marasco, Joana Caldas, Chico Lins, Bruno Atanazio, Mariana Passuello, Camilla Martins, Luana Amorim e Paulo Batistella. Também agradeço ao time do Fut das Minas, em especial à Amanda Porfírio e Mariana Santos, por ter abrigado os sonhos da Bianca que ama futebol feminino.

Por fim, não menos importante, agradeço a Deus por estar escrevendo o livro da minha vida com os melhores *plot twists*. Eu gosto bastante de mudanças!

PACAEMBU

DE GRAMADO A CANTEIRO DE OBRAS



BIANCA ANACLETO

Sumário

Intervalo.....	11
Capítulo 1: A tática.....	15
Capítulo 2: A torcida.....	37
Capítulo 3: O drible.....	65
Fontes consultadas.....	89
Referências bibliográficas.....	93

Intervalo

Uma partida de futebol dura 90 minutos mais os acréscimos. Ela é dividida em dois tempos de 45 minutos separados por um intervalo de 15. No jogo político que envolve o Complexo Esportivo do Pacaembu, em São Paulo, a sensação é de que o primeiro tempo de sua história foi recheado de altos e baixos. Agora, se encaminhando para o vestiário, o time que defende as cores do Estádio Municipal tem o pressentimento de uma iminente derrota.

Este livro-reportagem te leva para essa intensa partida em três capítulos. O primeiro, chamado *A tática* mostra que, assim como um técnico faz as alterações em seu time antes de uma partida, as primeiras décadas do estádio foram repletas de mudanças. Do Complexo Esportivo projetado para ser de acesso gratuito à população até o campo apropriado como propaganda do Estado Novo no governo de Getúlio Vargas, em 1940. O primeiro ato fala sobre o protagonismo do futebol no Pacaembu e como a modalidade se fortaleceu e ajudou a impulsionar os atores principais desse espetáculo.

Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, reinou no gramado e entrou na “tática” dessa partida como o ídolo de toda uma geração. Pessoas impressionadas pela arte do Rei, também foram impactadas pelas mudanças no Municipal. Em 1970, a concha acústica, parte do grande complexo, foi derrubada para dar lugar a uma arquibancada de mais de 10 mil lugares, chamada de Tobogã, e ampliar a capacidade do Pacaembu, que naquele momento perdia protagonismo para o Estádio do Morumbi.

O Tobogã ganhou relevância na história do Municipal. Popularizou ainda mais o espaço e até impulsionou mudanças no futebol após ver o desenrolar de uma briga em 1995, chamada de “Batalha Campal do Pacaembu”. A confusão aconteceu entre torcedores palmeirenses e são paulinos

ao final da decisão do título da Supercopa de Futebol Júnior, vencida pelo Verdão. Uma pessoa morreu e mais de 100 ficaram feridas.

Para além deste episódio violento, o estádio abrigou muitas histórias gloriosas. O segundo capítulo, *A torcida*, trata de um Pacaembu democrático, que acolheu todos os times. A “Saudosa maloca”, como os corintianos apelidaram o estádio em referência à música de Adoniran Barbosa, foi a segunda casa de todo torcedor paulistano, o verdadeiro protagonista dessa partida de futebol.

Apesar do décimo segundo jogador ter muito apreço pelo Pacaembu, ele também começou a frequentar as novas arenas, construídas para a Copa de 2014, ocorrida no Brasil, e o Municipal passou a receber menos jogos. No entanto, uma nova estratégia foi adotada e mais pluralidade foi trazida para o campo. O perfil dos frequentadores das arquibancadas se modificou com o passar do tempo, assim como os atletas que entraram em campo. Se no primeiro momento do jogo apenas homens dominavam a bola, os minutos finais foram dominados por jogadoras mulheres e jogadores de base.

Mesmo com essa mudança, o Pacaembu começou a conviver com a dúvida sobre seu uso e sua relevância para a cidade. O Complexo Esportivo é certificado como um patrimônio pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), desde 1988, e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), desde 1998. Esses títulos não foram suficientes para impedir que o discurso sobre o espaço ser “subutilizado e oneroso aos cofres públicos” fosse endossado por quem não conhecia o jogo em disputa.

O terceiro e último capítulo, intitulado *O drible*, aborda o processo de concessão do Complexo Esportivo à iniciativa privada, iniciado em 2017 a partir do Plano Municipal de Desestatização. Esse jogo de futebol vivido em mais de 80 anos pelo Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho parece ser recente, mas as investidas para a privatização do local existem desde a década de 1990. A diferença é que, na partida de agora, a qual só foram jogados 45 minutos, a equipe parece derrotada.

Hoje, enquanto o time do Estádio Municipal caminha para o vestiário, vê que o gramado virou um campo em obras e não sabe muito bem como retornará. Não sabe como será esse lugar, quem vai ocupar as arquibancadas e com qual frequência as chuteiras estarão na cancha. O antigo bordão “o seu, o meu, o nosso Pacaembu”, proferido pelo locutor do estádio Edson Sorriso, ganhou uma interrogação: “O seu, o meu, o nosso Paca-

embu?”. De quem será o Municipal que abrigou os principais jogadores, formou torcedores na cidade de São Paulo e foi a segunda casa de todos?

O cronômetro do jogo parou e enquanto a bola não volta a rolar, aqui você encontra detalhes desta história, contados por quem viveu a intensidade dessa partida em diferentes momentos. De gramado a canteiro de obras, o Pacaembu vive no imaginário do paulistano.



CAPÍTULO I

A tática



Memória de mãe

O relógio que fica no alto do Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, marca 10 horas. Diante da imensidão do estádio inaugurado em 1940, o relógio se torna um detalhe. Sua fachada destaca com letras maiúsculas as palavras “Estádio Municipal” e logo abaixo o nome de Paulo Machado de Carvalho. Esse último acrescentado anos depois, em 1961, em homenagem ao chefe da delegação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1958 e 1962, as quais o Brasil foi campeão. O estádio fica localizado no bairro do Pacaembu, região central de São Paulo, na Praça Charles Miller. Desde 2020, os ponteiros do relógio, que indicavam os minutos para o início das partidas de futebol ou ajudavam quem precisava se apressar para algum compromisso, estão estagnados.

Apesar da grandiosidade arquitetônica do Municipal, são os ponteiros inertes que chamam a atenção de Sérgio Miranda Paz, engenheiro electricista e entusiasta do futebol, de 63 anos. Frequentador do Pacaembu dos “dois lados da arquibancada”, como costuma dizer, por ter assistido aos jogos na parte de cima e por passear no Museu do Futebol, localizado abaixo das arquibancadas desde 2008, lamenta que ali o tempo tenha parado. Afinal, para ele o Pacaembu “abriga o mundo”.

O engenheiro é um conhecedor do mundo, foi a oito Copas e se ariscou a aprender o idioma de cada um dos países que sediou o evento. É corintiano, mas torce mais pela seleção brasileira. Viu sua paixão pelo futebol florescer na infância e sua relação com o Municipal surgir antes mesmo do seu nascimento. Sua mãe, dona Alzira Gonçalves Miranda Paz, desfilou na inauguração do estádio no dia 27 de abril de 1940.

A área de 75.598 m² começou a receber as obras do Complexo Esportivo do Pacaembu em 1936. O projeto fazia parte do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, setor implementado na gestão do prefeito

Fábio Prado e liderado pelo escritor Mário de Andrade juntamente com Paulo Duarte, chefe de gabinete. Além do Complexo Esportivo, o departamento foi responsável por implementar bibliotecas públicas, parques infantis e por enviar ao Nordeste a missão de pesquisas folclóricas.

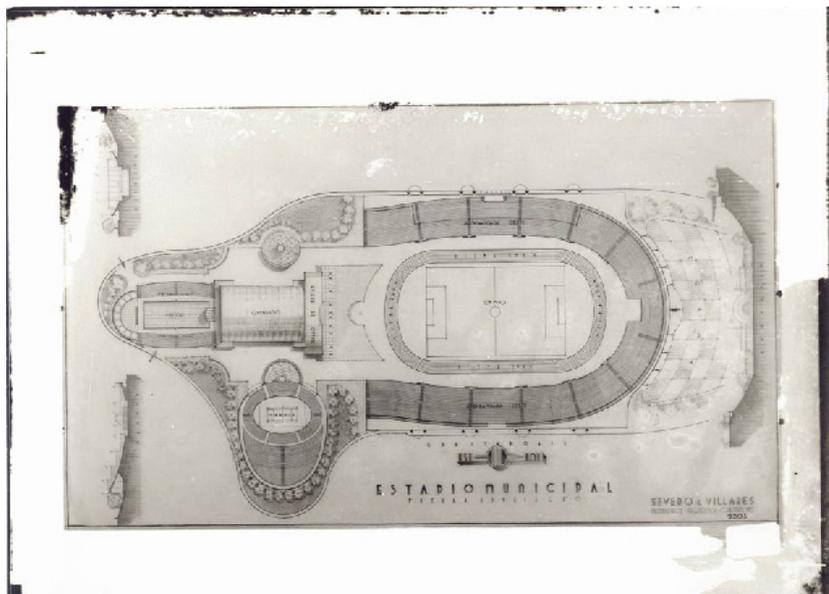
O objetivo na construção do Pacaembu, como explica o próprio Paulo Duarte, não era o estádio em si, era fazer parte de “um programa de educação social dos menores paulistas, aqueles que não podiam frequentar os clubes de pagamento”. Na época, era comum os jovens praticarem atividades físicas em clubes esportivos, como dona Alzira, mãe de Sérgio, que participava das aulas de educação física na Associação de Cultura Física, local onde havia abrigado o clube alemão *Deutsch Turnerschaft*, que se destacava na ginástica. No caso de Alzira, as aulas escolares de educação física estavam atreladas à Associação, mas, geralmente, esses clubes eram frequentados de maneira independente e pagos por associados.

É como uma política pública de incentivo ao esporte que surge o Complexo Esportivo do Pacaembu em um terreno doado pela *Companhia City*, empresa de capital inglês atuante no mercado imobiliário que loteou o bairro. Cerca de 50 mil m² foram entregues ao Governo do Estado de São Paulo. A região foi identificada por Paulo Duarte como potencial para o desenvolvimento do projeto e, assim, o chefe de gabinete negociou com o Governo e a empresa para o terreno ser passado à municipalidade, que foi ampliado em mais de 25 mil m², totalizando 75 mil m².

Como na época a popularidade do futebol estava aumentando, o estádio foi planejado. O terreno em que o Complexo foi construído fica em um vale, característica que marca e diferencia a arquitetura do local. “Parece que a natureza fez este vale para que fosse um estádio, porque as duas laterais abrigam as arquibancadas que ficam assentadas na terra”, admira o engenheiro Sérgio.

A construção, projetada pelo escritório de arquitetura Severo & Villas, foi iniciada em 1936 e, além da estrutura do estádio, contava com uma piscina olímpica, ginásio poliesportivo coberto, ginásio de saibro coberto para tênis, quadra externa de tênis, quadra poliesportiva externa, pistas de corrida e salas de ginástica.

No entanto, o projeto do estádio sofreu uma alteração um ano depois com a chegada de Getúlio Vargas à presidência da República. Com o início do período conhecido como Estado Novo, Vargas nomeou interventores nos estados brasileiros. Dessa maneira, Adhemar de Barros se tornou interventor de São Paulo e substituiu o prefeito Fábio Prado por Prestes Maia na capital paulista.



Projeto do Complexo Esportivo desenvolvido pelo escritório de arquitetura Severo & Villares no final da década de 1930. Foto: Acervo da Biblioteca da FAUUSP



*A fachada do Estádio Municipal foi uma das alterações mais significativas.
Foto: Acervo da Biblioteca da FAUUSP*

“O controle estatal sobre os diversos setores da sociedade civil foi intensificado com a instituição do regime autoritário e nacionalista do Estado Novo em 1937. A ideia de uma identidade nacional única que suprimisse as peculiaridades e dissidências regionais em favor de um modelo de cidadão brasileiro moderno se reconfigura como uma das grandes preocupações desse novo regime”, explica Ricardo Assumpção, mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), em sua dissertação defendida em 2019.

Assim, o projeto do Estádio do Pacaembu é modificado para se adequar às novas diretrizes governamentais, se tornando um espaço monumental que comporta milhares de pessoas, só que não há alterações significativas nas outras instalações do Complexo, como as quadras. Em sua inauguração, em 1940, o regime nacionalista se engrandece diante dos desfiles cívicos que o local recebe. Entre as delegações que passaram pelo gramado estava a da Associação de Cultura Física, que convidou alguns alunos para participarem do grupo, entre eles Alzira, a mãe de Sérgio, que na época tinha 13 anos e se destacava nas aulas de ginástica.

Dona Alzira, que faleceu aos 94 anos em 2021, contava essa história orgulhosa ao seu filho e lembrava do nome de algumas colegas que estiveram com ela naquele dia. Hoje, Sérgio guarda com carinho a memória da mãe e uma foto dela no desfile do dia 27 de abril de 1940.



Alzira desfilou na inauguração do Pacaembu. Na foto, ela é a jovem que aparece mais à esquerda, no canto, de cabelo curto. Foto: Arquivo Pessoal.



Sérgio Miranda Paz se orgulha ao contar que a história da sua família está conectada com a do Estádio Municipal. Foto: Bianca Anacleto

Ídolos

A pesar da família de Sérgio ter uma relação forte com o Estádio, desde muito antes dele nascer, ele só começou a frequentar o Municipal no início dos anos de 1970. Quando pequeno, saía do colégio São Luís, localizado na região da Paulista, e ia assistir aos jogos. Ele lembra que naquele período era habitual uma criança de uns 12 anos ir a estádios sem a companhia de um adulto. Só que, por uma regra imposta pelos pais, todas as vezes que Sérgio ia à uma partida, não podia ir desacompanhado. Geralmente, o menino frequentava as arquibancadas com um amigo santista, Antônio Eduardo de Melo Pinto Pereira.

Nessas idas ao Pacaembu, o engenheiro teve o privilégio de assistir jogos do Pelé. O atleta que apresentou o melhor do futebol ao mundo, foi também o que mais marcou gols no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, foram 113, em 144 partidas. Dentre essas partidas disputadas pelo Rei, que defendia a camisa do Santos Futebol Clube, Sérgio lembra de um Corinthians e Santos, que viria a ser a última vez que Pelé jogou no Pacaembu.

Em 29 de setembro de 1974, Sérgio e seu amigo santista, Antônio Eduardo, resolveram assistir ao que a mídia retratava como o último clássico entre Corinthians e Pelé. Seus pais haviam saído de casa e ele aguardava ansiosamente o horário de ir ao Pacaembu. Enquanto esperava, o telefone tocou e do outro lado da linha estava Antônio Eduardo, avisando que não poderia ir à partida. O corintiano e “pelezista” tomou a decisão de ir sozinho ao jogo.

Naquele dia, mais de 66 mil pessoas estavam na arquibancada para acompanhar a partida. Sozinho, o menino se sentou no meio de uma das torcidas organizadas do Timão. Com os olhos no campo e os ouvidos em um pequeno rádio de pilha, escutou pelo aparelho o anúncio da

entrada do Rei ao gramado. Os jornalistas puxaram o atleta para que a torcida corintiana o saudasse. Naquele momento, o menino se levantou e aplaudiu o ídolo com entusiasmo. Seria, provavelmente, a última vez que veria o Pelé jogando.

A empolgação do corintiano com o jogador do time rival, não agradou nem um pouco seus companheiros de torcida. Alguém arremessou em Sérgio um copo vazio de suco, que era vendido pelos ambulantes no estádio. “Não machucou. Eu fiquei muito orgulhoso de ter levado aquele copinho na cabeça porque era por uma causa nobre. Eu estava aplaudindo o Pelé”.

A partida terminou em 1x0 para o Corinthians com o gol marcado por Rivellino. Apesar de corintiano, o “pelezista” confessa que não ficou muito feliz com o resultado. O poeta Carlos Drummond de Andrade já tinha escrito que “o difícil não é marcar mil gols como o Pelé; o difícil é marcar um gol como Pelé”, mas naquela tarde de setembro, a entrada do jogador em campo e sua discreta participação no jogo foram suficientes para que Sérgio jamais se esquecesse.

Em 2023, Pelé se tornou um verbete no dicionário *Michaelis*. O adjetivo é descrito como “o que ou aquele que é fora do comum, que ou quem



Pelé foi um dos jogadores que mais marcou gols no Corinthians, foram 50 durante a carreira. Foto: Arquivo Gazeta Press

em virtude de sua qualidade, valor ou superioridade não pode ser igualado a nada ou a ninguém, assim como Pelé, apelido de Edson Arantes do Nascimento (1940-2022), considerado o maior atleta de todos os tempos”. Sérgio concorda e ainda questiona: “você tem alguma dúvida de que o Pelé foi muito melhor que o Messi, Maradona ou qualquer outro?”

A sua geração foi marcada pelo futebol apresentado pelo Rei. Outro torcedor que recorda os espetáculos futebolísticos da época é Carlos Zoe-ga Coelho, corintiano e advogado, de 61 anos. Ele guarda com carinho as idas ao Pacaembu com seu pai, Antônio Pessoa Coelho. Na maioria das vezes, os dois iam assistir aos jogos do Corinthians e também para acompanhar o melhor jogador do mundo. “Meu pai me falava para deixar de olhar onde estava a bola e observar a movimentação do Pelé no campo”, este foi um dos macetes ensinados pelo pai para assistir às partidas.

Assistir aos jogos com o pai era especial, porque Antônio tinha sido jogador e “entendia muito”, explica o filho. Nos gramados, ele ficou conhecido como “Odilon” e teve uma carreira curta, passando por Mirassol, América de Ribeirão Preto e até pelo São Paulo Futebol Clube (SPFC). Sobre a passagem do atleta pelo SPFC, o historiador do clube, Michael Serra, não encontrou registros, no entanto, acredita que é possível que sua ficha tenha se perdido ou, ainda, que ele não tenha disputado nenhuma partida oficial. Independente de qualquer documento, a história que Antônio contava ao filho, era de que tinha vestido a camisa do tricolor paulista e juntos, pai e filho, construíram uma relação nas arquibancadas. Admiravam o futebol de Pelé, porém Carlos confessa que o atleta que mais gostava era o atacante Vaguinho, do Corinthians. Para o menino, ele era um gigante.

Carlos se recorda de uma partida em que Vaguinho teve que ser o goleiro. O jogo disputado no Pacaembu era contra a Portuguesa e o guarda-meta, Sérgio, tinha quebrado dois dedos em um lance. Todas as substituições já tinham ocorrido e, corajosamente, o atacante da equipe assumiu a posição na defesa. “Ele fechou o gol, não passava nada e eu comecei a gritar muito orgulhoso”. Em sua memória de infância, o menino não queria ser como o Vaguinho, “queria ser o Vaguinho”.

“Mais querido”

Chega a ser óbvio que para Carlos o pai, o ex-jogador, foi uma inspiração. Em todas as idas ao estádio, o garoto admirava como Antônio era expansivo e se tornava amigo de todos. Se no campo, ele foi conhecido como Odilon, na arquibancada era visto como o “mais querido” entre os torcedores. Coincidentemente, essa alcunha é a mesma que o São Paulo ganhou no Pacaembu, o time que Antônio disse atuar quando jovem.

Na inauguração do Estádio Municipal, a delegação do tricolor paulista foi ovacionada ao desfilar. Nas manchetes, os jornais se referiram ao clube como o “mais querido”. O mestre em arquitetura e urbanismo pela USP, Ricardo Assumpção, explica que o São Paulo recebeu tantos aplausos do público, porque o time possui o nome e as cores da bandeira do estado e, portanto, significava uma oposição ao Estado Novo, implantado em 1937, por Getúlio Vargas. Na época, o SPFC era um clube coadjuvante no cenário do futebol paulista. Corinthians e Palmeiras dividiam a hegemonia dos títulos, possuíam mais torcedores e tinham campos para a realização de jogos, mesmo que fossem estádios menores.

Os aplausos no desfile fizeram com que o Governo promovesse um concurso através do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) para descobrir qual era o time mais querido entre os torcedores do município de São Paulo. A votação popular confirmou a popularidade do tricolor paulista.

“O primeiro clube a utilizar o Estádio Municipal regularmente foi o São Paulo, à época ainda uma equipe de menor relevância em relação a seus principais rivais. No entanto, a grandiosidade do Pacaembu com capacidade para receber 70 mil espectadores, levou uma massa de torcedores aos jogos do tricolor e conseqüentemente proporcionou rendas enormes, possibilitando a consolidação esportiva e financeira do clube”, explica Ricardo Assumpção.



Delegação do São Paulo Futebol Clube no desfile de inauguração do Estádio do Pacaembu em 1940. Foto: Arquivo Histórico do SPFC

Entre as recordações no estádio do rival, Carlos guarda com dor a final do Campeonato Paulista de 1974. O título foi decidido entre Corinthians e Palmeiras e sua expectativa era que o alvinegro levasse a taça. Na partida, os palestrinos venceram por um a zero com gol de Ronaldo. O Morumbi estava lotado com mais de 100 mil torcedores. “O trauma foi tão grande que sou capaz de lembrar a escalação inteira do Palmeiras naquele jogo”. O retorno para casa, depois da derrota, também foi marcante. O pai, Antônio, não dizia uma única palavra. No carro, lado a lado, o menino chorava pelo título ter escapado das mãos do Corinthians mais uma vez.

Entre Pacaembu e Morumbi, Carlos elege o primeiro como o preferido. “Traz uma sensação de aconchego, tem uma acústica muito boa e é possível ver o jogo com maior nitidez”. A estrutura do local sempre chamou a atenção dele, seja a fachada imponente ou a concha acústica, a qual tem uma breve lembrança.

No projeto original do Pacaembu havia a estrutura de uma concha acústica localizada no lado oposto à entrada. O espaço recebia espetáculos de música, balé e até comícios políticos. No entanto, em 1969, época da Ditadura Civil-Militar, ela é demolida para a instalação de uma nova

arquibancada, visando o aumento da capacidade do Estádio Municipal.

“Era uma tentativa de equipará-lo aos demais grandes estádios que surgiam em outras cidades brasileiras. Durante a gestão de Paulo Maluf, membro da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e nomeado prefeito da capital paulista por indicação do presidente Artur Costa e Silva, a concha acústica do Pacaembu foi demolida para a construção de um novo lance de arquibancada”, disserta Ricardo Assumpção.

A nova arquibancada ficou conhecida como Tobogã, devido a sua inclinação, e comportava 18 mil pessoas. Lugar em que Carlos também assistiu jogos de futebol. “A visão não era tão boa, mas tenho uma memória afetiva muito grande”.



A estrutura da concha acústica recebia eventos artísticos e políticos.

Foto: Acervo da Biblioteca da FAUUSP

A Batalha Campal

O Tobogã era um espaço do Pacaembu que comportava todo e qualquer torcedor. Não era bonito, fugia da estética do estádio construído nos anos de 1940 e cumpria a função de colocar mais pessoas nas arquibancadas. Leandro Iamin, jornalista, paulistano, de 39 anos, frequentou diversas vezes o espaço para assistir a partidas de futebol.

Ele conta que, como a arquibancada construída nos anos de 1970 era muito reta, era difícil enxergar se o setor estava lotado ou se havia espaços vazios. “Não foi pensado para assistir a partida no melhor ângulo, para estar em harmonia arquitetonicamente, para apresentar a melhor acústica ou ter conforto. Era só para colocar mais gente”. O jornalista ainda reflete que o espaço era funcional e que, ainda hoje, se discute como colocar mais pessoas em um estádio, sendo o Tobogã um exemplo disso.

Entre as vezes que foi ao Municipal, lembra de quando entrou em uma partida com o ingresso de um outro jogo. “Eu estava procurando algum cambista para conseguir um *ticket* e eu ouvi que tinha dado problema na catraca. Tive a ideia de tentar entrar com o ingresso da partida anterior e, como estavam pegando os ingressos na mão, eu consegui. Aquele dia teve uma superlotação no Tobogã”.

A arquibancada que aumentou a capacidade, barateou o valor dos ingressos. Como o preço das entradas é definido pelo clube mandante da partida, podia variar de acordo com o jogo e o time. Em outubro de 2016, por exemplo, na disputa entre São Paulo e Santos pelo Campeonato Brasileiro, um ingresso para o Tobogã custava R\$10 reais, conforme registra uma notícia do site esportivo *Lance!*. Já em uma partida entre Santos e Vasco pelo Brasileiro de 2018, o sócio-torcedor do Peixe conseguiu adquirir os ingressos a partir de R\$7,50, enquanto quem não era sócio comprava ingressos a partir de R\$30 reais a inteira para o setor, segundo o próprio site oficial do clube.

Além dos jogos no Tobogã, Leandro visitou quase todos os setores do Pacaembu. Sua primeira vez no estádio foi em 1994, na final do Campeonato Brasileiro entre Palmeiras e Corinthians, em que o alviverde foi campeão. Aquele foi um dos 13 títulos conquistados pelos palestrinos no Municipal. Na decisão de 1994, Leandro tinha nove anos e sua maior lembrança é a companhia do tio, Fernando Cezar Pereira, chamado de Feu, que vestia uma camisa preta do clube inglês Manchester United.

“Essa coisa de camisa importada era algo raro naquela época [década de 1990] e aquela camisa era de outro mundo, ainda mais sendo do segundo uniforme e da cor preta”. Além da camisa importada ser algo fascinante para o menino, o fato do tio palmeirense estar vestido com as cores do rival naquele dia também impressionaram, porque isso poderia desencadear em uma briga entre os torcedores. “Um ou outro reclamou, mas não deu em nada. Hoje, com torcida única, se você for em um Palmeiras e Corinthians, com uma bermuda preta, você corre mais risco”.

Na década de 1990, as brigas entre torcedores eram comuns. O sociólogo Maurício Murad em seu livro *A violência no futebol*, publicado em 2012, reflete sobre o tema e relata que a violência na sociedade se expressa também no esporte. Ela, provavelmente, está relacionada com os inúmeros problemas sociais presentes no cotidiano, como os altos índices de pobreza, analfabetismo, miséria, entre outras razões.

Em 1992, dois anos antes da primeira vez de Leandro no Pacaembu, a morte de um torcedor de 13 anos estampou os noticiários. Segundo reportagem do site de esportes *ge.com*, publicada em 2017, 25 anos após o caso, o menino Rodrigo de Gásperi foi ao Nicolau Alayon, o estádio do Nacional, na zona oeste de São Paulo, assistir a semifinal da Copa São Paulo de Futebol Júnior, entre Corinthians e SPFC. O tricolor marcou um gol nos acréscimos e os jogadores alvinegros foram cobrar a arbitragem. A confusão no campo se estendeu às arquibancadas e os torcedores entraram em conflito. Rodrigo foi atingido por uma bomba de fabricação caseira, teve traumatismo craniano e comprometimento da massa encefálica. Morreu no hospital quatro dias após o incidente.

Depois da tragédia no estádio do Nacional, algumas medidas de segurança foram adotadas na cidade de São Paulo, como a proibição do uso de bandeiras com mastro nas torcidas e o maior cuidado na separação entre torcidas. No entanto, em 20 de agosto de 1995 o futebol brasileiro ficou marcado por uma cena de violência entre torcedores. O gramado do Pacaembu se tornou um campo de batalha. Leandro tinha 10 anos na época e lembra que o tio, Feu, tinha combinado de ir ao parque de diversões *Play-*

center com ele, só que como naquele sábado Palmeiras e São Paulo iam se enfrentar para decidir o título da Supercopa de Futebol Júnior, mudaram o destino do passeio.

O Pacaembu estava lotado e, como o jogo terminaria empatado, pela regra do campeonato quem marcasse o primeiro gol da prorrogação levaria o título. O atacante do Palmeiras, Rogério, empurrou a bola para o fundo da rede e decretou a vitória do Verdão. A alegria da conquista fez com que os torcedores palestrinos invadissem o gramado para a comemoração. O início dessa movimentação diferente foi o suficiente para que Feu ficasse atento e saísse com o sobrinho Leandro do estádio. Eles não viram o time levantar a taça. Depois da partida, foram almoçar e, quando chegaram em casa, souberam da confusão que se formou no gramado.

Pela televisão Leandro assistiu a torcida são-paulina derrubar o alambrado e entrar no campo depois da provocação dos rivais. O conflito se intensificou no gramado e os torcedores pegaram materiais de construção que estavam próximo ao Tobogã, já que o setor estava em reforma, e houve uma escalada da violência física. Mais de 100 pessoas ficaram feridas e um jovem de 16 anos morreu. O são-paulino Márcio Gasparin da Silva sofreu múltiplos traumatismos cranianos e faleceu no hospital oito dias depois.



Torcedores entraram em confronto no final da partida entre juniores do São Paulo e Palmeiras. Ao fundo é possível ver materiais de obra que estavam sendo usados na reforma do Tobogã. Foto: Estádio Conteúdo

POLÍCIA CAÇA VÂNDALOS

DO OLIVEIRA

anagens de tevê e as fotos
passado pelos jornais, mais a
da população são as armas
polícia no conejo da caçada
Batalha do Pacaembu. Ontem
o delegado titular do 23º
Cabo Negroeiros Amal Fri-
ou início ao inquérito poli-
conclamou a comunidade a
a identificação dos agress-
envolvidos na batalha can-
nificada depois da final da
empo de Juniores. Para tanto,
a dar o número do telefone
legacia (864-5265) pedindo
responsáveis pelos atos de
gra sejam denunciados.
gins de 16 anos na polícia,
e Negroeiros diz nunca ter
ato de tal natureza. "Traba-
do tempo no 34º DP, do
de, e tenho experiência em

que corria o risco de matar o
ripaz que estava caído. Assim que
o prendemos, será incuro no
artigo 121 do Código Penal. Se
condenado, poderá pegar de 6 a
20 anos de reclusão", assegura.

O agressores que participaram
da batalha campal estão sujeitos ao
artigo 129 do Código. São casos
de lesão corporal, que vão de leve
a graves seguida de morte. A pena
nessas situações oscila de 1 a 12
anos de reclusão. Esta será a
punição, por exemplo, do agressor
do menino Márcio Gasperin da
Silva, 16 anos, que está internado
na UTI do Hospital das Clínicas e
corre sério risco de vida.

O delegado do 23º DP, que
assumiu o cargo ontem, se mos-
tra decepcionado com os ním-
eros do boletim de ocorrência dos
incidentes do jogo. Apesar de
centenas de pessoas terem se en-



Os membros das torcidas uniformizadas se armaram com o entusiasmo no tobogã.

Acessp pede ação do secretário

A ACESSP — Associação dos Cronis-
ta Esportivos do Estado de São Paulo —
cidade que congrega 800 associados,
integrantes de todos os setores de
comunicação esportiva do Estado, vem
manifester o seu mais veemente repúdio
ao entremetido episódio de violência,
schigera, irresponsabilidade e desama-
nidade registrado no Pacaembu neste
último domingo.

A histórica batalha campal protagoni-
zada por torcedores anámis travestidos
de seres humanos, integrantes de torcidas
uniformizadas, teve público, transfor-
mado depois em revolta, aos torcedores
comuns e jornalistas presentes no estádio
e aqueles que acompanhavam as trans-
missões pela televisão e pelo rádio.

Desmentido entre em detalhes, o jô de
pelo combocimento de todos. O que
impôta agora, Sr. secretário, é que haja
penaço severa e exemplar aos culpados.
Através das chocantes imagens mostradas
claramente pela TV, Brasilistas, e
depois em outras TVs, brasileira, e

Prefeito culpa os dirigentes

O jornal Gazeta Esportiva cobriu os eventos seguintes ao caso. Na edição do dia 25 de agosto de 1995, a matéria destaca que a polícia estava atrás dos torcedores uniformizados. Foto: Reprodução Gazeta Esportiva

“O que eu me recordo é do clima. Era um público diferente e acho que isso vale a observação. Em partida de juniores, quando você não tem cobrança de ingresso, você traz um público que via de regra não consegue pagar para ir aos jogos, mesmo que naquela época os ingressos fossem mais baratos. E esse é um prato cheio para que muitas autoridades e pessoas façam a vinculação de quem não tem dinheiro é violento, bandido e tudo mais”, reflete o jornalista.

Leandro explica que muitas das lembranças desse dia estão pautadas no que pesquisou sobre o caso que ficou conhecido como Batalha Campal do Pacaembu. “Todos os indícios levam a crer que a polícia menosprezou as pedras e os paus e sua necessidade de efetivo policial. Tinham poucos policiais para o tamanho do público e tensão ali existentes. Eu não quero dizer que existem pessoas geniais para a maldade e que conseguiram pensar exatamente isso, mas acho que deixaram acontecer. Em 1995, as pessoas precisavam de notícias ruins sobre as torcidas”.

Os órgãos de segurança estavam preocupados com o aumento da violência entre os torcedores e afirmavam que as “torcidas organizadas eram um problema”. O jornalista recorda que em 1994, de maneira simbólica, foi organizado o Jogo da Paz entre Palmeiras e São Paulo, em que torcidas organizadas rivais de Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo soltaram pombas brancas antes da partida começar. No final, o jogo terminou em briga entre os atletas.

Ainda em 1994, na cidade de Ribeirão Preto, interior paulista, a partida entre Guarani e Corinthians, em que o Bugre venceu por 2x1, terminou com um morto e 30 feridos. A vítima era o corintiano Sérgio Francischini, de 19 anos, que foi pisoteado e sofreu uma parada cardíaca no estádio. A reportagem da *Folha de São Paulo*, publicada em três de agosto do ano seguinte, relata que: “O incidente começou quando a polícia decidiu, durante o primeiro tempo, liberar uma parte maior das arquibancadas para a torcida corintiana. Quando os primeiros corintianos começaram a subir para a área livre, torcedores do Guarani romperam o cordão de isolamento, formado por apenas oito policiais. A briga logo se generalizou”.

As torcidas eram um problema de segurança e elas estavam ganhando cada vez notoriedade na mídia. Segundo o jornalista, as organizadas estavam sempre sendo entrevistadas em programas de televisão. Além disso, em 1995 a Gaviões da Fiel, escola de samba e também uma das principais torcidas organizadas do Corinthians, foi campeã do Carnaval de São Paulo. “Isso é digno de nota, porque foi o primeiro título de uma torcida organizada e com um samba que até hoje em São Paulo é cantado como se fosse uma música comum”. Leandro destaca, ainda, que neste momento as torcidas estavam conseguindo “limpar sua imagem dentro da opinião pública”.

Ele observa que, ao mesmo tempo em que tinha um certo apelo para que as torcidas fossem taxadas de violentas, elas estavam conseguindo mudar sua imagem, como o que ocorreu no Carnaval de 1995. “As torcidas organizadas precisam de legitimação, elas não foram para partidos políticos, elas não foram para sistemas econômicos, religiosos, mas foram para o sistema midiático e para o artístico”.

O fato é que as torcidas organizadas incomodavam e a Batalha Campal do Pacaembu foi o estopim para que entrassem na ilegalidade. Após o ocorrido, a Federação Paulista de Futebol proibiu que as organizadas entrassem em estádios com seus símbolos. A Mancha Verde, torcida do Palmeiras, e a Independente, do São Paulo, foram extintas por determinação do Ministério Público de São Paulo. Elas ressurgiram anos depois com algumas mudanças jurídicas.

“Casa da vó”

A pesar do episódio violento, as lembranças de Leandro no Estádio Municipal são as melhores. Lá viveu títulos, presenciou jogos importantes do seu time, o Palmeiras, e assistiu a seleção brasileira masculina e feminina. “Uma vez chamei o Pacaembu, em uma crônica, de casa da vó”.

Para ele, a sua primeira casa como torcedor, é o estádio do Palmeiras (antes o Parque Antártica e hoje o Allianz Parque), assim como para o são-paulino é o Morumbi e para o santista a Vila Belmiro, mas o Pacaembu é o segundo lar de todo torcedor paulistano.

“Não é a sua casa, só que você se sente em casa mesmo assim. Ali a ideia de luxo, sofisticação, exuberância fica ressignificado. Você estava no Pacaembu e sabia que aquele não era o estádio mais confortável do Brasil, mas você sabia que aquele estádio tinha sido o mais moderno do país por muito tempo. Então sempre chamei *casa da vó*, não é a minha casa, só que às vezes é até mais aconchegante do que se fosse”.

Leandro se sentia tão à vontade no Estádio Municipal, que recorda de uma vez que assistiu a um jogo deitado na arquibancada. Ele saiu da aula de futebol e foi para o Pacaembu assistir Palmeiras e Ponte Preta. Na época, o adolescente carregava consigo as chuteiras em uma sacola e conseguiu convencer o policial a entrar no Pacaembu com os sapatos. “Eu ajeitei a sacolinha na arquibancada verde e assisti ao jogo como se estivesse no sofá”.



Leandro na final da Copinha em 25 de janeiro de 2003. Foto: Arquivo Pessoal



A final da Copinha de 2003 foi disputada entre Palmeiras e Santo André, no Pacaembu. Foto: Arquivo Pessoal



CAPÍTULO II

A torcida



“Saudosa maloca”

Existe uma lenda no Parque São Jorge, onde se localiza o clube do Sport Club Corinthians Paulista (SCCP) na Zona Leste de São Paulo, que diz que toda criança batizada na bica de São Jorge, na capela do santo, jamais deixa de ser corintiana. A máxima também vale para quem mata a sede com a água que escorre da popular “biquinha”. Mas não só quem recebe a bênção se torna torcedor fervoroso do Corinthians. Matheus Ortega Ricci, analista de comunicação, de 25 anos, não foi batizado ali, seu batismo aconteceu na arquibancada do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu.

Em 23 de maio de 2004, Matheus foi pela primeira vez a um estádio de futebol. O menino de sete anos estava com o pai, Sandro Ricci, que teve a ideia de visitar o Pacaembu de última hora. Naquele domingo, o Corinthians enfrentava o Athletico-PR pelo Campeonato Brasileiro. Matheus se lembra do dia em flashes e recorda uma briga dos pais. A mãe, Patrícia, não queria deixar o pequeno ir ao estádio, começou a chorar e disse que ia se divorciar e ir embora de casa. Só que a insistência do pai venceu.

Matheus e Sandro saíram do apartamento e o pequeno olhou para a mãe desejando que ela não os abandonasse. Patricia realmente não foi, contudo, o pai gosta de lembrar: “ela jogou um karma em nós dois”. Naquela tarde, o Corinthians foi derrotado por 5 a 0 pelo clube paranaense.

O batismo de Matheus ao “corinthianismo” aconteceu aquele dia, acompanhado por cerca de 5.700 torcedores, com Sandro dizendo-lhe para se acostumar com a derrota, “porque aquilo era o Corinthians”. Pai e filho criavam um laço com o Estádio Municipal que jamais seria desfeito.

Sandro, microempreendedor, hoje com 49 anos, também não lembra como começou a torcer para o Corinthians. Talvez pela influência do pai, Antônio Carlos, que esteve na Invasão ao Maracanã, em 1976. Na época,

cerca de 70 mil torcedores saíram de São Paulo até o Rio de Janeiro para apoiar o time paulista na semifinal do Brasileirão contra o Fluminense. O evento ficou guardado na memória de Sandro, assim como sua primeira vez no Pacaembu. Ainda menino, devia ter menos de 14 anos, viu um empate do Corinthians contra o Juventus, da Mooca. Depois desse dia, suas idas ao estádio no centro de São Paulo se tornaram frequentes. Essa mesma paixão foi passada para o filho, Matheus.

Coincidentemente, pai e filho não vivenciaram vitórias em sua primeira ida ao Pacaembu. No entanto, como corinthianos, se sentiram em casa. Apesar de não ter números oficiais sobre quantas vezes o SCCP atuou no Municipal, é de saber popular que foi o time com mais partidas no estádio. Matheus reitera diversas vezes que ali é “a verdadeira casa do Corinthians”. Foi ali que a torcida alvinegra viveu as melhores e piores histórias com o clube. A trajetória de Matheus, como a de diversos corinthianos nascidos na década 1990, passa pela Série B do Campeonato Brasileiro até a conquista da Libertadores em 2012.



No registro de 25 de julho de 2010, Matheus está com, da esquerda para direita, seu pai, Sandro, um amigo de infância, Kayo Moraes, e um amigo do pai, Drummond David. Eles foram à partida de despedida do técnico do Corinthians, Mano Menezes, que assumiu a seleção brasileira masculina naquele ano.

Foto: Arquivo Pessoal.

O Corinthians foi rebaixado para a segunda divisão do Brasileirão em 2007, disputando a Série B em 2008. O prenúncio da queda aconteceu em maio de 2006, na partida contra o argentino River Plate, pelas oitavas de final da Libertadores. O jogo disputado no Pacaembu é lembrado por Sandro como um dos dias mais tensos no estádio. “O time vinha com aquela pressão de querer ganhar a Libertadores”, conta.

Até 2012, o alvinegro paulista era o único clube grande de São Paulo que não tinha o título continental. No início de 2000, a torcida cobrava que o título viesse logo, porque o time havia recebido um grande investimento financeiro. Em 2004, o Corinthians firmou parceria com o *Media Sports Investment* (MSI), um fundo de investimento sediado em Londres, representado no Brasil pelo empresário iraniano Kia Joorabchian.

Na época, o MSI teria o controle no departamento de futebol do time paulista, trazendo reforços necessários para a disputa dos campeonatos. Além disso, o fundo internacional prometeu a construção de um estádio e a abertura de um canal exclusivo de televisão. No primeiro ano, a empresa investiu R\$115 milhões de reais e trouxe jogadores de alto nível, como os argentinos Carlitos Tevez e Mascherano. O trabalho resultou no título brasileiro de 2005.

No ano seguinte, a parceria começou a entrar em crise. Sob a pressão de conquistar a Libertadores com um elenco milionário, Sandro e outros 32 mil torcedores viram o time ser eliminado pelo River Plate, no Pacaembu, pelo placar de 3x1. Apesar da derrota, a lembrança daquele dia foi a invasão da torcida no campo.

Sandro conta que aquela quinta-feira, quatro de maio, foi de muita tensão. Ele e um colega de trabalho, sem ingresso, resolveram ir ao estádio para assistir ao jogo decisivo. Ao chegarem à Praça Charles Miller, localizada em frente ao portão principal do Pacaembu, estava lotada. “Acho que devia ter umas 10 mil pessoas querendo entrar”.

Os dois foram cortando caminho no meio da multidão e se surpreenderam com a situação da bilheteria. “Todo mundo estava querendo invadir e forçando o portão. Sei que eu fiquei uns cinco minutos preso entre a catraca e o vão. Eu lembro que eu tentava empurrar os caras para sair, porque eles me apertavam e eu achei que ia morrer sem ar”. Os minutos de sufoco passaram assim que um policial militar puxou Sandro pela blusa e ele caiu dentro do Pacaembu. Quando se viu no estádio, saiu correndo e se misturou com a torcida na arquibancada. “Eu me perdi do meu amigo e fiquei para assistir ao jogo”.

O Corinthians abriu o placar com Nilmar ainda no primeiro tempo,

porém viu a virada acontecer depois do gol contra do zagueiro Coelho. Higuain aproveitou e ampliou para o River em duas oportunidades. Aos 37 minutos do segundo tempo, a partida foi paralisada devido às invasões e confusões da torcida. “Foi coisa de cinema. Na época ninguém tinha celular para gravar, dá para imaginar uma torcida inteira largando os instrumentos e descendo a arquibancada para invadir o campo”, conta Sandro, que ainda lembra que estava no alto do setor amarelo e ficou observando a confusão dos torcedores forçando a entrada no campo. Não demorou para que o jogo fosse encerrado por falta de segurança.

Os jogadores saíram de campo e se iniciou uma briga entre a polícia e a torcida. Os policiais começaram a jogar bombas de efeito moral para impedir o avanço das pessoas e os portões foram fechados. “Uma parte saiu e outra ficou presa no estádio. Eu fiquei lá dentro e o relógio já marcava quase uma da manhã. Comecei a ficar preocupado por não saber como ia embora”. A preocupação do torcedor era o transporte público. O metrô em São Paulo fecha à meia-noite e a circulação de ônibus diminui nas madrugadas. Como estava no centro da cidade, seria quase impossível chegar na Penha, bairro da Zona Leste, onde mora.

Próximo das duas da manhã, Sandro encontrou um amigo que o acompanhava em alguns jogos e eles conseguiram sair do Pacaembu após a liberação da polícia. Os dois, moradores da Zona Leste, caminharam até a banca de jornal, localizada no início da Praça Charles Miller, planejando ficar ali até às quatro horas, horário de abertura do metrô. “Nisso parou um carro e era o Zoreia, um amigo nosso, e ele deu uma carona para a gente. Bem tenso! Uma aventura, né?”. Sandro chegou em casa às três horas da manhã.

A confusão entre os torcedores foi só um detalhe diante da crise que o Corinthians passava com o MSI. Segundo reportagem do *Meu Timão*, site especializado na cobertura do time paulista, publicada em 2012, a parceria do clube com a investidora foi investigada pela Polícia Federal (PF). A apuração concluiu que a MSI, o empresário Kia Joorabchian, o presidente do Corinthians Alberto Dualib e o vice Nesi Curi estavam envolvidos em um esquema de lavagem de dinheiro, evasão de divisas, sonegação fiscal e formação de quadrilha.

Na época também revelou-se o envolvimento de Boris Berezovsky, magnata russo condenado por fraude financeira e envolvido com a máfia em seu país. A situação reforçou a ideia de que o MSI firmou parceria com o Corinthians para lavar dinheiro, cerca de US\$32 milhões, e que Joorabchian foi intermediário no processo.

Noite de terror destrói estádio e tira Corinthians da Libertadores

DE SÃO PAULO LOCAL

O Pacaembu era até então um templo do Corinthians, mas a administração gerida por Libertadoreses, mais especificamente por Fiel, a partir de então, como um palco da temerária final dos jogos.

A equipe paulista perdeu por 3 a 1 para o River Plate de Uruguai, e os minutos de agitação foram quando a torcida corinthiana, revoltada com mais um tempo inaproveitado de jogo, entrou em vários pontos com pedras, arremessando um pouco de sangue e cunho de moedas. O jogo chegou a ser interrompido por alguns minutos, mas logo voltou a ser disputado. O jogo, o qual significava um adiamento no sonho de vencer a Libertadores - o time é ainda o único dos grandes de São Paulo que não tem a mais importante conquista da América.

Os corinthianos saíram assim

Dentro do Pacaembu, River Plate marca 3 a 1 no milionário time da MSI e acaba de novo com o maior sonho da Fiel, que arromba alambrado, fere dezenas e provoca fim do jogo



OPINIÃO

Pacaembu virou estadiãozinho de Quarto Mundo

JULIA FERREI

COLUNISTA DO FOLHA

Dez anos atrás, o que era o maior estádio do Brasil, o Pacaembu, virou um estadiãozinho de Quarto Mundo. Depois de um longo período de abandono, o estádio foi reinaugurado e recebeu o nome de Estádio Manoel Francisco de Paula. Mas, infelizmente, o estádio não conseguiu recuperar o brilho de antes. Hoje, o Pacaembu é um lugar onde se vive uma experiência diferente, mas não necessariamente boa.

Manchete do jornal Folha de São Paulo, publicado no dia cinco de maio de 2006, destaca a confusão no Pacaembu e a derrota do Corinthians na Libertadores.

Foto: Acervo Folha de São Paulo.

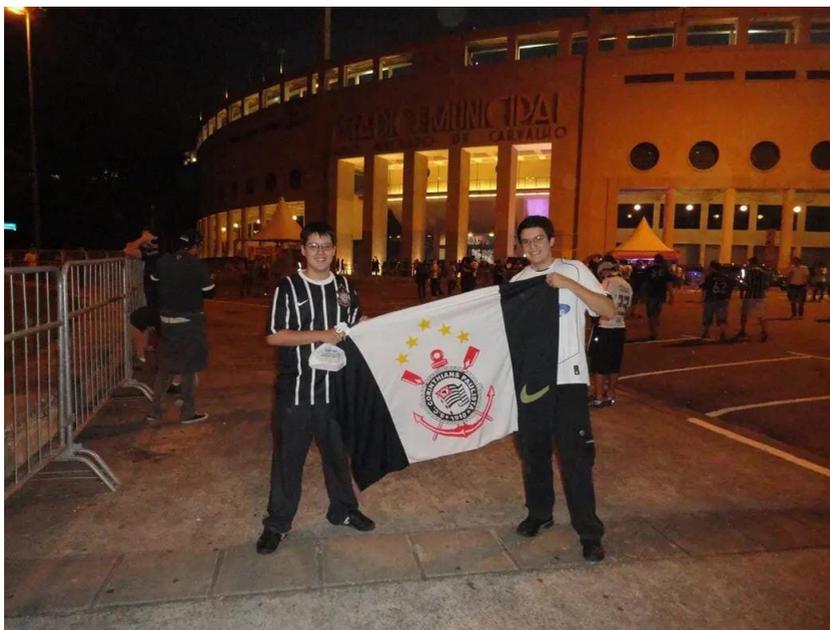
Um texto publicado no portal online *Jusbrasil*, aponta que depois da saída do MSI do país, o time paulista herdou uma dívida de R\$90 milhões. Além disso, o presidente do clube, Dualib, renunciou ao cargo. Em 2014, a Justiça Federal absolveu os empresários estrangeiros e ex-dirigentes do Corinthians acusados de lavar dinheiro por meio de investimentos no clube.

A crise fora dos gramados se refletiu no desempenho do Corinthians em campo, o que o levou ao rebaixamento no Campeonato Brasileiro. Apesar de não ser o melhor período do futebol para o time, as lembranças da Série B são guardadas com carinho pelo torcedor Matheus. Ele acredita que 2008 foi um dos momentos de maior apoio ao clube, que disputou boa parte dos jogos no Pacaembu. O estádio se tornou a “Saudosa Maloca”, apelido dado pelos torcedores corinthianos, fazendo referência à música de mesmo nome do cantor Adoniran Barbosa.

Matheus lembra de ir aos jogos dessa época com o seu avô materno, Diogo Ortega. “Em casa tinha um daqueles computadores de tubo e eu lembro de pesquisar sobre ingressos para os jogos. Depois eu encontrava alguns telefones e ia ligando para a bilheteria do Pacaembu”. Na época, os

ingressos ainda eram vendidos horas antes das partidas e havia uma política de que pessoas com mais de 60 anos e crianças com menos de 12 anos não pagavam. Esse benefício respondia à Lei municipal 11.256, sancionada em 1992, pela prefeita Luiza Erundina e válida apenas para o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho. Assim, o avô de Matheus e o menino não pagavam para ir aos jogos no estádio. Essa política beneficiou uma geração de torcedores. Além de Matheus e seu avô, o corinthiano Victor Yokoo Dionísio, funcionário do setor administrativo de uma empresa de saúde, hoje com 26 anos, também foi um dos que aproveitou o auxílio.

Victor e seu irmão Bruno, oito anos mais velho, começaram a frequentar o Pacaembu com assiduidade a partir de 2007. No ano anterior, o pai dos meninos, Rogério Dionísio, havia falecido de câncer, e a vida da família virou de cabeça para baixo. A renda diminuiu bastante e Bruno descobriu que ir ao Estádio Municipal era um entretenimento acessível, já que o irmão mais novo não pagava a entrada e o seu ingresso, como estudante, ficava pela metade do preço. Os dois passaram a ir a todos os jogos do Corinthians.



Victor, à esquerda, e seu irmão, Bruno, à direita, estavam no Pacaembu no dia em que o Corinthians conquistou a Copa Libertadores, no dia quatro de julho de 2012.

Foto: Arquivo Pessoal.

“Eu vivi do inferno ao céu no Pacaembu”, comenta Victor. O “inferno” faz referência à queda para a Série B, acompanhada de perto pelo menino. “Corinthians e Vasco era o jogo que podia fazer a gente escapar do rebaixamento. E a gente perdeu em casa e eu só conseguia pensar em como eu ia torcer para essa disgrama de time”.

Victor continuou a torcer, virou fanático e esteve na maioria dos jogos do Corinthians na Série B. Mesmo sem conhecer Matheus ou Sandro, eles devem ter se cruzado nas arquibancadas do Pacaembu. Em 2008, o clube alvinegro foi mandante em 19 partidas no Estádio Municipal, segundo levantamento do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). Nos anos seguintes, essa frequência aumentou, em 2009, por exemplo, foram 33 partidas, em 2010, outras 31.

Frequência de partidas do Corinthians no Pacaembu entre os anos 2000 - 2019



Fonte: Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Uma das possíveis explicações para o aumento de partidas do Corinthians no Pacaembu a partir de 2009, foi o desentendimento entre dirigentes do SCCP e do São Paulo Futebol Clube (SPFC). Andrés Sanchez, naquele ano, ao ser reeleito presidente do Corinthians, declarou em sua posse que não ia mais mandar jogos do time alvinegro no Estádio Cícero Pompeu

de Toledo, o Morumbi, que pertence ao SPFC. Tal medida foi determinada após dirigentes do time tricolor disponibilizarem apenas 10% dos ingressos do Morumbi, que tem capacidade para quase 70 mil torcedores, para um clássico entre as equipes paulistas em uma partida válida pelo Paulistão daquele ano, na mesma semana da eleição interna do Corinthians.

Em 2009, ainda não existia a determinação de torcida única nos estádios de São Paulo. A criação da torcida única ocorreu em 2016 após uma solicitação do Ministério Público à Federação Paulista de Futebol. No dia 3 de abril daquele ano, uma pessoa morreu no bairro de São Miguel Paulista, na Zona Leste, depois de uma briga entre corinthianos e palmeirenses. Naquele mesmo dia, o Pacaembu recebeu um clássico entre Corinthians e Palmeiras.

Sandro lembra de ter presenciado brigas entre torcedores e afirma que os desentendimentos não eram tão graves. “Quando tinha clássico no Pacaembu, as torcidas eram divididas. A do Corinthians ia pela [estação] Marechal Deodoro [na linha vermelha] e as outras torcidas subiam até a [Avenida] Paulista para pegar o metrô [linha verde]. Então já dividia todo mundo, mas chegava uma determinada estação que não tinha mais segurança, por exemplo no Brás [linha vermelha] ou no Tatuapé [linha vermelha]. Ali rolava porrada, que era uma típica briga de clássico”, descreve. Ele ainda acrescenta que não havia uso de arma branca ou de fogo nesses confrontos.

Essa mesma lógica de divisão das torcidas era válida para as partidas ocorridas no Morumbi. O SCCP costumava organizar as decisões e clássicos no estádio do rival paulista por ter uma capacidade maior. Desde a inauguração parcial do campo tricolor, em 1960, o Corinthians foi mandante em 343 jogos no estádio do rival, segundo levantamento do historiador Michael Serra, do Arquivo Histórico do SPFC. A partir de 2009, a equipe alvinegra deixa de jogar no Morumbi e adota o Pacaembu, gerando um aumento significativo de partidas no Estádio Municipal.

O desentendimento entre os clubes reforçou a identidade corinthiana no Pacaembu. O antropólogo Gabriel Moreira Monteiro Bocchi, que estudou a torcida do Corinthians em seu mestrado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP), concluído em 2016, entende que a partir de 2009 o Estádio Municipal volta a ganhar força e receber grandes jogos. Ele argumenta que neste momento os alvinegros adotam, definitivamente, o Pacaembu como “casa”, e o estádio acaba sendo o lugar onde o Corinthians vive seus triunfos mais recentes no futebol. Dentre essas conquistas, a “Saudosa Maloca” pôde vivenciar o que Vic-

tor chamou de “céu” em sua trajetória como torcedor dentro do Estádio Municipal: o título da Libertadores de 2012. Essa glória é lembrada por cada corintiano de maneira diferente.

Enquanto para Victor foi o presente de aniversário perfeito, para Sandro Ricci foi motivo de cuidar da saúde e para Matheus Ortega Ricci a necessidade de se tornar Fiel Torcedor, programa de fidelidade do Corinthians para a compra de ingressos.

No dia quatro de julho de 2012, a Praça Charles Miller começava a se encher de torcedores que iam ao estádio para assistir à final da Libertadores entre Corinthians e Boca Juniors. Nesse dia, Victor completava 14 anos e junto com seu irmão, Bruno, foram ao Pacaembu. O menino admirava a festa da torcida, que carregava bandeiras, acendia sinalizadores e cantava alto na entrada do estádio.

Às 21h50 o árbitro autorizou o início do jogo. O primeiro tempo permaneceu em 0x0 e o único pensamento do aniversariante era de que se fosse para os pênaltis “não iria aguentar”. Mal sabia ele que compartilhava aquele sofrimento calado com quase toda uma torcida alvinegra. A arquibancada levou 68 minutos, contando os 45 minutos iniciais da partida, os 15 de intervalo e mais oito do início do segundo tempo, para vibrar com o primeiro gol marcado por Emerson Sheik. Victor não se conteve e pulou no colo de Bruno.

No segundo tento, também feito por Sheik, o menino de 14 anos chorou e abraçou o irmão, que também estava com o rosto molhado. A América estava prestes a se tornar alvinegra, mas foi o vermelho dos sinalizadores que preencheu o estádio lotado. Aquela visão, segundo Victor, foi a mais bonita que viu até hoje.

A cerca de 14 km do estádio, no bairro da Penha, na Zona Leste, Sandro comemorou o título com alívio. O Corinthians venceu o Boca Juniors por 2x0, após ter empatado com o time argentino em 1x1 na primeira partida da final, disputada no estádio La Bombonera, em Buenos Aires, uma semana antes, no dia 27 de junho.

Após a conquista do título tão sonhado, Sandro, que na época tinha 38 anos, sentiu o coração bater com mais tranquilidade. Na semana anterior, o torcedor havia sofrido um princípio de infarto ao assistir o jogo disputado em La Bombonera. O corintiano estava na casa da mãe, acompanhando a partida com alguns familiares, um ritual que haviam adotado nos últimos jogos do time alvinegro, quando se sentiu mal.

“Eu lembro que no jogo da Argentina, tava 1x0 para o Boca e eu estava sentado no sofá. A porta de casa estava aberta e dava de frente para

uma praça. Aí quando o Corinthians fez o gol, eu corri para a rua para comemorar e eu lembro que dei uns três passos e caí no chão. Já não sentia minhas pernas. Eu levantei e não falei nada para ninguém. Só que minhas pernas estavam formigando”, lembra Sandro. Mesmo passando mal, voltou a assistir a partida e, após o apito final, foi ao hospital. Chegando no pronto-socorro, o corinthiano se deparou com outros torcedores alvinegros na fila do eletrocardiograma, exame que mede a frequência dos batimentos cardíacos.

O médico comunicou a Sandro que ele havia tido um pico de adrenalina muito grande e que seu coração quase parou. Naquele momento, o ideal seria se afastar do futebol e cuidar da saúde. Porém, o torcedor insistiu mais um pouco em 2012, assistindo a conquista da Libertadores e do Mundial de Clubes pelo Corinthians. “Depois disso comecei a me poupar. Hoje tem jogo que nem assisto e só pego o resultado pela internet. Quem está sofrendo é o Matheus, ele tá igualzinho a mim quando era jovem”, comenta com um sorriso no rosto.



Time do Corinthians comemora a conquista da Libertadores em 2012, no Estádio do Pacaembu. Depois do principal torneio da América, a equipe conquistou o Mundial de Clubes, disputado no Japão, em dezembro daquele ano.

Foto: Daniel Augusto Jr. / Ag. Corinthians

Na conquista da Libertadores, Matheus não conseguiu ingresso e lembra disso com um pouco de tristeza. Por ser criança na época e não ser Fiel Torcedor, houve muita dificuldade para comprar o *ticket*, o que fez o menino acompanhar a partida de casa, com o seu avô Diogo Ortega. A impossibilidade daquela compra o motivou a se associar ao programa de fidelidade, assim que começou a trabalhar, já adulto.

Depois da conquista da Libertadores em 2012, uma coisa era certa na vida dos corintianos, o fim da zoação. O time paulista finalmente tinha o título continental, como os adversários. O próximo passo para acabar de vez com as piadas seria a conquista da “casa própria”, já que o Corinthians era o único time de São Paulo que não possuía um estádio onde pudesse mandar jogos grandes. A equipe possuía apenas a “Fazendinha”, nome popular do Estádio Alfredo Schuring, localizado no Tatuapé, Zona Leste, e com capacidade para quase 14 mil torcedores.

A “casa própria” veio em 2014, com a inauguração da Arena Corinthians, hoje chamada Neo Química Arena, devido a venda dos *namings rights* (direitos pelo nome) para o laboratório farmacêutico de mesmo nome, localizada no bairro de Itaquera, na Zona Leste. A motivação para a construção do local foi a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014. O novo estádio recebeu a abertura da competição e outros seis jogos da Copa, sendo um deles a semifinal entre Holanda e Argentina.

A partir daquele ano, o número de partidas do time alvinegro disputados no Pacaembu diminuiu. A mudança de “casa” foi gradual e aos poucos os torcedores foram se despedindo da “Saudosa Maloca”, local que os moldou como corintianos.

Matheus, hoje frequentador assíduo da Arena, sente saudade da Praça Charles Miller em dia de futebol. “Lembro de um dia em que eu, meu primo e meu pai estávamos esperando para começar o jogo, e a gente tava com muita fome. Então meu pai foi em um mercadinho ali perto e comprou pão e mortadela. A gente fez um lanche sentado na praça e olhando para o Pacaembu”.

A maioria das partidas de futebol que Matheus assistiu foram no Pacaembu. O mesmo vale para Victor, que graças às idas ao Estádio Municipal, hoje se tornou um “caçador de jogos alternativos”. Desde 2016, ele vai a partidas de futebol de times que disputam categorias de base, Séries B, C e D de estaduais, ou seja, jogos fora do holofote da mídia. Só até cinco de junho de 2023, Victor tinha ido a 258 partidas. “Eu aprendi a gostar de estádio com o Pacaembu. Ele moldou a minha vida”.

A despedida oficial do Corinthians com o Pacaembu aconteceu no

dia 27 de abril de 2014, quando a equipe venceu o Flamengo por 2x0. Cerca de 36 mil torcedores foram ao estádio naquele dia, no entanto nem Matheus, nem Victor e nem Sandro estiveram lá. Quem estava no meio da torcida era a corintiana Gabriele Martinez, hoje com 25 anos. Na época, a adolescente não poderia imaginar como seria ver seu time sem o seu estádio preferido.

Gabi, como é carinhosamente apelidada, lembra como foi difícil conseguir ingresso para o último jogo do Corinthians no Pacaembu. Ela, o pai Luiz Fernando Martinez de Oliveira e os primos foram comprar os bilhetes em uma loja do Poderoso Timão, no Bairro do Ipiranga, só que o sistema caiu. A família teve que ir para a bilheteria e ficou cerca de duas horas na fila, embaixo de um calor escaldante, para conseguir os ingressos. “Quería chorar depois do jogo, só que eu não podia, porque estava com os meus primos e não daria esse sabor de chorar na frente deles”, comenta rindo. “Senti que naquele momento tinha acabado, que não teria mais jogo aqui, que só seria de vez em quando, mas não seria o mesmo clima, a mesma rotina de vir para cá”.



Gabi conta que já viveu de tudo no Pacaembu, mas ainda falta realizar um sonho: cobrir um jogo como jornalista do gramado do estádio que ama.

Foto: Bianca Anacleto

A rotina de ir ao Pacaembu mudou para Gabi. A jovem passou a cabular as aulas para visitar o Museu do Futebol, localizado embaixo das arquibancadas do Estádio Municipal desde 2008, e começou a desejar ficar ali mais tempo. Anos depois, em 2018, já cursando a faculdade de Jornalismo, foi selecionada para um estágio em comunicação no Museu. “Eu vinha trabalhar todos os dias feliz e pensava que era isso o que eu sempre tinha sonhado. Eu tentava não tornar isso normal e sempre valorizar que eu estava aqui dentro”, recorda Gabi com carinho. Ela ainda lembra como era estar no Museu e acompanhar os jogos no estádio. “Teve um Corinthians e Santos, com o Peixe mandante, e eu fiquei vendo pelo computador, só que embaixo do estádio, com a torcida santista cantando. Foi uma sensação engraçada ver o jogo embaixo da arquibancada e sentindo a torcida”.

Gabi saiu do Museu em dezembro de 2019, só que a paixão pelo Pacaembu nunca vai acabar. Em 2022, a jornalista foi morar na Irlanda e escreveu uma carta de despedida ao estádio. Ela lembra desse fato com vergonha e fala que o Pacaembu é “minha vida, minha história, meu amor”, repetindo um cântico da torcida do Corinthians. Essa paixão é tão forte que ela tatuou o contorno do Pacaembu na nuca. Um desenho que ela mesma fez e estava guardado há um tempo.



Além da tatuagem que fez em homenagem ao Municipal, Gabi também coleciona livros, fotografias e souvenirs que remetem ao estádio paulistano.

Foto: Arquivo pessoal

O estádio mais democrático

Fernando Martinez, 46 anos, foi batizado na “biquinha” de São Jorge assim que nasceu. A profecia diz que ele jamais vai abandonar o Corinthians, só que a bênção ultrapassou os limites do clube, Fernando hoje não se vê longe do futebol. Jornalista, passou a cobrir jogos pequenos, de divisões inferiores, e o gosto pela modalidade foi aprendido em casa. Seu pai, Carlos Alberto Martinez, e seu avô, Wiliam Martinez, sempre contavam histórias sobre o esporte bretão.

O menino cresceu ouvindo os causos do avô quando frequentava os primeiros anos de Pacaembu, em 1940. Wiliam foi a todos os jogos da Copa de 1950, disputados no estádio, assistiu Suécia e Espanha no mesmo dia e hora em que aconteceu Brasil e Uruguai, no Maracanã, no Rio de Janeiro. “Ele ouviu a derrota da seleção brasileira pelo rádio, enquanto estava na arquibancada do Pacaembu”, conta Fernando. O Brasil perdeu a partida por 2x1 para os uruguaiois e viu o título escapar diante de mais de 100 mil torcedores no estádio carioca, construído justamente para receber a competição.

“O meu avô também assistiu ao empate em 2x2 entre Brasil e Suíça”, lembra o jornalista. Essa foi a única partida da seleção brasileira disputada em São Paulo na Copa de 1950. Além desse jogo, Wiliam acompanhou de perto outras cinco partidas: Itália e Suécia; Itália e Paraguai; Uruguai e Espanha; Uruguai e Suécia; e Suécia e Espanha.

Carlos Alberto ia ao estádio e observava o pai, que gostava de assistir aos jogos no alambrado, próximo a Concha Acústica, demolida na década de 1970 para dar lugar ao Tobogã, arquibancada que ampliou a capacidade do Pacaembu. As recordações de Carlos foram passadas a Fernando até que ele mesmo pudesse criar suas próprias lembranças. Três gerações de torcedoras da família Martinez se formaram dentro do Municipal.

O jornalista começou a frequentar o espaço nos anos 2000, acompa-

nhando o Corinthians e outras equipes. Desde o início do século XXI, o Pacaembu sediou 806 partidas, segundo dados do CRFB. Dentre os jogos que recebeu estão de futebol masculino, futebol feminino, categorias de base, desde sub-11 até sub-23, amistosos internacionais, futebol amador, aspirante e master. Fernando deve ter ido a, pelo menos, um jogo de cada categoria. Durante sua vida, estima que foi em aproximadamente 150 jogos no Estádio Municipal.



Partida entre suecos e uruguaios, disputada em 13 de julho, na Copa de 1950, no Estádio Municipal. Foto: Jean Manzon / Acervo Jean Manzon, Museu do Futebol

Um dos jogos que ficou marcado em sua memória é a final da Libertadores de 2002 entre São Caetano e Olímpia, do Paraguai. No dia 31 de julho daquele ano, cerca de 30 mil torcedores preencheram a arquibancada com a cor azul caneta. Em campo estava o São Caetano, time da Grande São Paulo fundado em 1989. A jovem equipe surpreendia a todos com sua boa campanha nos últimos campeonatos. Fernando acompanhou o Azulão nesta fase e não deixou de assistir ao time na competição.

O São Caetano jogou quase todas as partidas do torneio no Estádio Municipal Anacleto Campanella, na cidade de São Caetano. No mata-mata, a equipe eliminou o Universidad Católica, do Chile, o Peñarol, do Uruguai, e o América, do México, chegando na final contra o Olímpia, do Paraguai. Como a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) exige que a

disputa da partida decisiva seja em um estádio com mais de 40 mil lugares, o Anacleto Campanella não estava apto, já que comporta cerca de 17 mil torcedores. Assim, o Pacaembu foi eleito para receber a decisão.

Na partida de ida, no Paraguai, o São Caetano saiu em vantagem, vencendo o Olímpia por 2x1. Na volta, bastava um empate para levantar a taça. O Pacaembu vibrava com a chegada improvável da equipe da Grande São Paulo à final da Libertadores. A partida não foi nada fácil, como relembra Fernando, o São Caetano saiu na frente com gol de Aílton. No final do primeiro tempo, o técnico Jair Picerni foi expulso. Naquele momento, a torcida, que até então estava empolgada, ficou em silêncio. O sentimento de que algo daria errado se materializou de tal forma, que o ar começou a pesar naquela noite fria de julho.

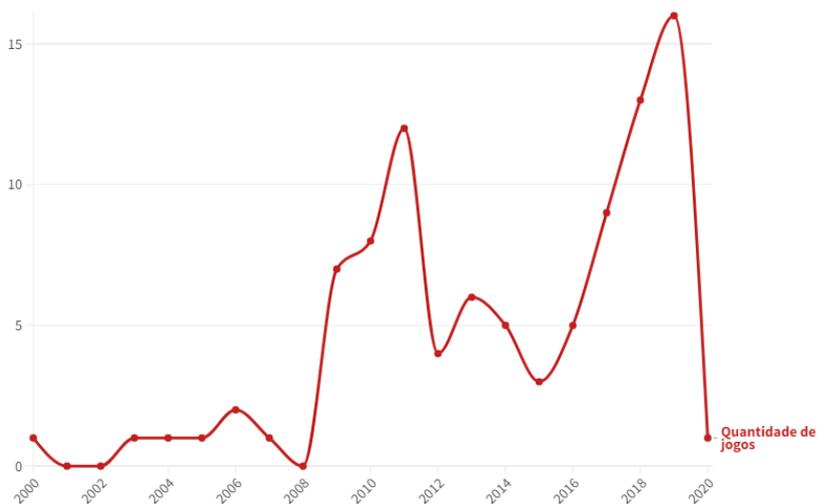
No retorno para o segundo tempo, o Olímpia virou e a partida terminou em 2x1, empurrando a decisão para os pênaltis. Nas cobranças, Marlon e Serginho desperdiçaram, e o título ficou com a equipe paraguaia. “A gente não vai ter mais o São Caetano jogando uma final de Libertadores. Aquele momento foi único na história do clube e do Pacaembu”, lamenta Fernando.

Nove anos depois, em 2011, o estádio abrigou a conquista do Santos Futebol Clube (SFC) na Libertadores. No dia 22 de junho de 2011, o Santos venceu o Peñarol, do Uruguai, por 2x1. Os gols santistas foram marcados por Neymar Jr., na época uma estrela em ascensão, e Danilo. O time disputou quatro partidas no Pacaembu, sendo a primeira na fase de grupos contra o Deportivo Táchira, da Venezuela, e as outras do mata-mata a partir das quartas de final. As demais partidas foram disputadas no estádio Urbano Caldeira, conhecido como Vila Belmiro, localizado na cidade de Santos, no litoral de São Paulo.

A escolha do Pacaembu para sediar a final aconteceu por dois motivos: burocracia e superstição. A primeira se deve a obrigação da Conmebol por estádios com mais de 40 mil lugares. A segunda se explica num fato ocorrido em 2003, quando o Santos perdeu a final da Libertadores para o Boca Juniors, da Argentina, o jogo foi realizado no Morumbi. Assim, para evitar o roteiro trágico de oito anos atrás, o Pacaembu foi escolhido pelos santistas.

O Peixe disputou, como mandante, 96 partidas no estádio entre 2000 e 2020. Apesar da menor frequência de partidas do clube no estádio comparado a outros times, Fernando comenta que nos últimos anos de funcionamento do Pacaembu, a equipe do litoral organizou muitos jogos. Em 2019, por exemplo, foram 16 partidas.

Frequência de partidas dos Santos no Pacaembu entre os anos 2000 - 2020



Fonte: Centro de Referência do Futebol Brasileiro

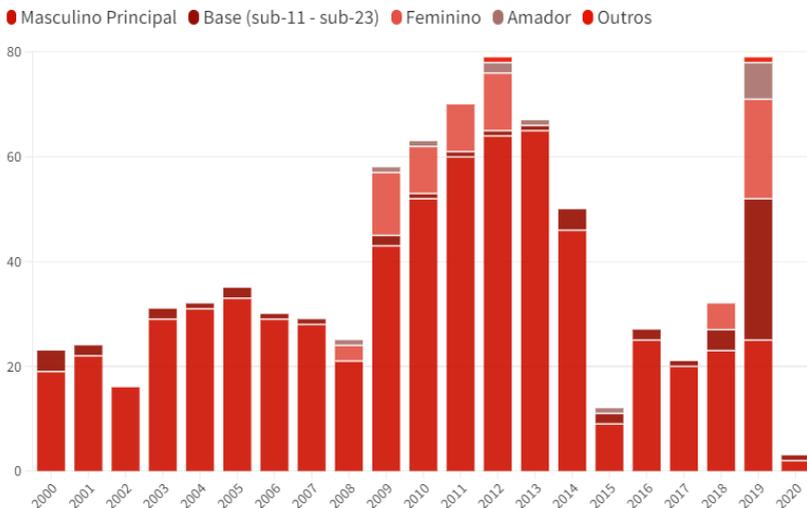
Além dos jogos dos Santos, 2019 foi o período em que o Estádio Municipal recebeu mais jogos de base e de futebol feminino. Esta etapa é a que Fernando considera “os últimos anos de Pacaembu”, já que o estádio foi fechado primeiro devido à pandemia de covid-19 e depois devido a reforma realizada pela concessão Allegra Pacaembu firmada em 2019 com a Prefeitura de São Paulo. “O Pacaembu, pelo menos na reta final até 2020, recebeu muito jogo pequeno. Especialmente, por causa disso, eu fui muito no estádio nessa época. Era muito tranquilo ver o jogo no Pacaembu quase vazio”.

Fora Fernando, outro amante do estádio que percebeu esse aumento de partidas no Pacaembu foi Ademir Takara, bibliotecário do Museu do Futebol e autor dos registros dos jogos no estádio pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Desde 2014, ele trabalha no Museu e criou uma planilha para anotar todas as disputas ocorridas no Pacaembu.

A tabela criada por Ademir destaca que até 2008, o estádio recebia em média 30 partidas por ano. Em 2009, houve um aumento para 58 jogos e, a partir daí começou a crescer, chegando ao ápice em 2012 e 2019, com 79 em cada ano. No entanto, há uma diferença entre os anos em que mais recebeu jogos. Enquanto em 2012, a maioria das partidas foram de futebol masculino (64), em 2019 há uma diversidade maior, sendo 25 masculino, 19 feminino e 27 de base, incluindo feminino e masculino.

O bibliotecário gosta de destacar que a planilha possui uma falha. “Nem todos os jogos de base estão registrados”, e explica que falta uma pesquisa mais profunda dessas partidas. No entanto, acredita que muitas finais devem ter ocorrido naquele gramado.

Partidas disputadas no Pacaembu por categorias entre os anos de 2000 e 2020



Fonte: Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Tradicionalmente, o Municipal recebe a final da Copa São Paulo de Futebol Júnior, a Copinha, disputada no dia 25 de janeiro, aniversário da cidade de São Paulo. A competição envolve times sub-20 de todo o país e estádios de todo o estado paulista. Só que em 2019, para além da Copinha, a cancha abrigou torneios de várias categorias.

Fernando lembra que presenciou uma rodada dupla em novembro de 2019. “Era Palmeiras e Flamengo pela Supercopa sub-17 e pelo Brasileiro sub-20. Nesse dia não tinha quase ninguém no estádio, devia ter umas 100 pessoas e estava chovendo bastante”. Na ocasião, o Palmeiras venceu os dois duelos contra os rubro-negros. A Supercopa pelo placar de 2x0 e o Brasileiro por 1x0.

Mesmo se tratando de jogos de base, considerados menores, toda vez que Fernando entrava no Pacaembu para assistir a essas partidas, se lem-

brava da importância daquele monumento erguido no centro da cidade. “O mesmo cimento que colocaram lá na década de 1940, era o que estava ali quase 80 anos depois”.



Fernando na cobertura da final da Copa do Brasil Sub-17, disputada em 2019, no estádio do Pacaembu. Foto: Arquivo Pessoal

Outro destaque do período são as partidas de futebol feminino. Em 2019, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) determinou que os times que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro Masculino tenham uma equipe correspondente no futebol feminino. Dessa maneira, é possível associar esse fato com o maior uso do estádio para os jogos de mulheres.

Ademir, que é são-paulino, se recorda do uso do Pacaembu durante o Brasileirão A2 de 2019, segunda divisão do Campeonato Brasileiro Feminino. Naquele ano o São Paulo foi campeão, subindo para a primeira divisão, e realizou três jogos decisivos no Estádio Municipal. O bibliotecário esteve no primeiro jogo da final entre São Paulo e Cruzeiro, vencida pelas paulistas por 4x0. “A final foi transmitida pela TV *Bandeirantes*, então foi aberto o lado da arquibancada que aparece na TV. Só que foi justamente onde estava batendo o sol. Na transmissão parecia que o estádio estava lo-

tado, mas quem estava na arquibancada queria ir para o lado da sombra”.

Fora a campanha do A2 em 2019, o Pacaembu foi palco de diversos jogos de futebol de mulheres durante a sua história. Foi o primeiro estádio de São Paulo a receber a modalidade. Em maio de 1940, poucas semanas após a inauguração, Casino do Realengo F.C. e S.C. Brasileiro, duas equipes cariocas, foram convidadas para jogarem na capital paulista.



Em 2019, a equipe feminina do São Paulo venceu o primeiro jogo contra o Cruzeiro na decisão do Brasileirão A2. Esse foi o ano em que o Pacaembu recebeu 19 partidas de futebol feminino. Foto: Anderson Rodrigues/sãopaulofc.net

Ademir conta que, na época, o futebol feminino estava crescendo no Rio de Janeiro e que trazer o evento para São Paulo tinha o objetivo de apresentar o melhor para a cidade. “O negócio era muito popular, então a ideia era colocar no novo estádio [Pacaembu]. Ao mesmo tempo que a mídia divulgou com entusiasmo, o futebol feminino reverberou mal perante uma sociedade conservadora”, comenta o bibliotecário. Tal fato levou à proibição da modalidade em 14 de abril de 1941, a partir do Decreto-Lei nº 3.199, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, sob a justificativa de que a prática não era condizente à natureza feminina.

O Pacaembu volta a receber uma partida de futebol de mulheres em 1959 no chamado “Jogo das Vedetes”. O evento foi organizado com atrizes

de São Paulo e Rio de Janeiro e só foi autorizado pela justiça por ter um caráter beneficente. Ademir explica que essa partida aconteceu graças ao “jeitinho brasileiro”, porque naquele momento estavam organizando uma atividade artística e não um jogo de futebol.

**A MAIOR GLORIA PARA O
FOOTBALL FEMININO!**
**Jogaram no Estádio Pacaembú, contrariando alguém, e
agradando completamente a oitenta mil pessoas**

O jornal O Radical, do Rio de Janeiro, destacou na edição do dia 21 de maio de 1940, a partida entre os times cariocas no Estádio do Pacaembu.

Foto: Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

A proibição do futebol feminino durou até 1979, contudo, a prática só foi regulamentada em 1983. “A gente ainda tem pouca informação sobre partidas realizadas no estádio, porque falta estudo. Nos anos de 1990, a gente já vê a utilização do Pacaembu, especialmente, porque começa a Copa do Mundo”, pontua Ademir sobre o uso do Estádio Municipal pelas mulheres, ressaltando o início da organização da Copa do Mundo Feminina pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) a partir de 1991.

Desde 2008, como observado na planilha do CRFB, o Pacaembu passou a abrigar diversos jogos femininos, seja do Campeonato Brasileiro, Paulista, Libertadores, de base e até amistosos da seleção brasileira. Inclusive, é o estádio que mais vezes recebeu a amarelinha na história, foram 19 partidas no século XXI. Ademir destaca que o uso do espaço pela seleção foi impulsionado, principalmente, pela organização dos Torneios Internacionais da Cidade de São Paulo, competição quadrangular disputada por seleções, a partir de 2008. “A gente percebe como o Pacaembu tem relevância e como, nos últimos anos, abriu vagas para diferentes pessoas jogarem aqui”, exalta o bibliotecário e finaliza, “O Pacaembu é um espaço democrático”.

O seu, o meu, o nosso, de quem é o Pacaembu?

Em 2013, três estudantes de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, no interior de São Paulo, questionaram o locutor do Pacaembu Edson Tadeu da Silva, conhecido como Edson Sorriso, se o Municipal ficaria esquecido depois que o Corinthians inaugurasse a Arena em 2014. Irritado, mas sempre com seu bom humor, Sorriso disse que não, porque o “Pacaembu é seu, é meu, é nosso”. Naquele momento nascia o principal bordão ouvido pelos torcedores que frequentavam o local.

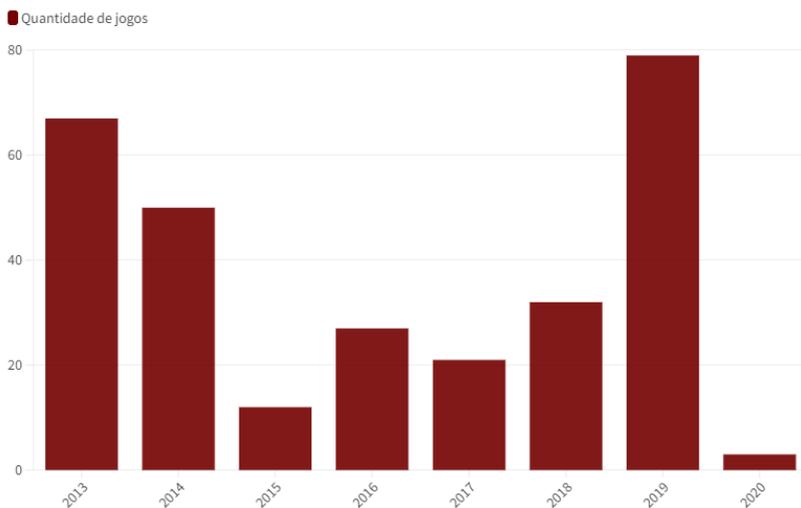
Sorriso, hoje com 63 anos, é funcionário público, locutor e sambista. Começou a trabalhar no Pacaembu em 2009 e assumiu o papel na locução do estádio sem querer. Após o falecimento de Milton Silva Carvalho, o antigo narrador, em 2011, não encontraram nenhum substituto para assumir o cargo. “Estava acontecendo um dos Torneios Internacionais de Futebol Feminino e o Aléssio Gamberine, coordenador do Pacaembu na época, me mandou fazer o jogo”, conta Sorriso.

Ele lembra que estava muito nervoso e o microfone balançava em sua mão como um “bambu”. Sua maior preocupação era falar o nome das atletas estrangeiras que disputavam o quadrangular. Naquele ano, competiam Brasil, Holanda, Canadá e México. Para a felicidade do novo locutor, tudo deu certo. A partir daquele dia, ele se tornou a voz do Pacaembu.

Sorriso criou alguns bordões ao longo de sua trajetória. Recebia os torcedores com sua voz potente, falando: “Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu”. Ele também inventou uma frase para incentivar a paz depois de presenciar uma confusão entre palmeirenses nas arquibancadas. Em todos os jogos dizia: “Torça, vibre, respeite seu oponente. Veja-o como seu semelhante. Afinal, o objetivo é o mesmo, a alegria de torcer. E na racionalidade da vida, a paixão é pelo futebol, o amor é pela vida”.

Seu bordão mais marcante foi o criado em 2013, depois da pergunta dos estudantes de Jornalismo sobre o futuro do lugar. Foi também a partir daquele ano que o Pacaembu passou a dividir espaço com as arenas. Os dados do Centro de Referência do Futebol Brasileiro mostram uma queda no número de partidas a partir de 2015, ano em que recebeu apenas 12 jogos.

Partidas disputadas no Pacaembu entre os anos de 2013 e 2020



Fonte: Centro de Referência do Futebol Brasileiro

Em maio de 2014, o Corinthians inaugurou a Neo Química Arena. Em novembro de 2015, foi a vez do Palmeiras abrir seu novo estádio, o Allianz Parque. Antes disso, além do uso frequentemente do Pacaembu pelo time alvinegro, os palestrinos também organizaram diversas partidas ali. Durante o período de construção da arena do alviverde, que durou cerca de quatro anos, a equipe foi mandante em 87 partidas no Pacaembu, de acordo com o CRFB.

No Brasil, as arenas são um legado da Copa das Confederações, ocorrida em 2013, e da Copa do Mundo Masculina, disputada em 2014. Para a construção desses estádios a FIFA criou um guia chamado *Football Stadiums Guidelines* (Guia de Regras para Estádios de Futebol, tradução livre), que ficou popularmente conhecido como “Padrão FIFA”. Nele

consta uma série de regras técnicas e estruturais sobre como deve ser um estádio de futebol. Dentre as medidas está a exigência de no mínimo 30 mil assentos, sendo lugares marcados e, preferencialmente, localizados em setores cobertos para dar mais conforto ao torcedor. Além disso, há a indicação de câmeras de vigilância espalhadas por todo o espaço, definição do tamanho do campo, exigência de estacionamento e localização de fácil acesso ao transporte público.

O cientista social Gil Rampazzo analisa esse processo como parte da “arenização do futebol” que, segundo ele, está intimamente ligada ao neoliberalismo. Gil explica que a “arenização” transforma o torcedor em um consumidor, já que a modalidade atrai multidões e pode gerar uma grande renda. “O espaço de um estádio de futebol não é o melhor para se ganhar dinheiro, porque ali é um lugar de descontrole controlado das emoções, então essa estrutura passa a ser arcaica. Na verdade, você precisa mudar esse ambiente para ter um torcedor mais controlado, que é o consumidor”, esclarece o cientista social com base na teoria do sociólogo alemão Norbert Elias sobre estádios.



Edson Sorriso, em novembro de 2022, em frente ao “Pavilhão Pacaembu” estrutura construída em 2021 após o estádio ser concedido à iniciativa privada.

Foto: Arquivo pessoal

Seguindo esse mesmo caminho, desde setembro de 2019, o Complexo Esportivo do Pacaembu, que inclui o Estádio Municipal, foi concedido à iniciativa privada. Um contrato firmado entre a Prefeitura de São Paulo e a concessionária Allegra Pacaembu, formada pela Projetos Gerenciamento e Engenharia S.A (Progen) e o Savona Fundo de Investimento em Participações, determina que o consórcio deve reformar e gerir o Complexo por 35 anos.

Em 2020, devido a pandemia de covid-19 todas as atividades foram afetadas, inclusive os jogos de futebol, que foram paralisados. Assim, apenas três partidas foram disputadas no início do ano. Depois disso, o espaço abrigou um hospital de campanha por três meses e, por fim, deu-se início à demolição e reforma de suas estruturas.

Mesmo diante dessa paralisação das atividades, a voz de Edson Sorriso não diminuiu. Com toda a sua vivência na cabine de locução, o seu lado sambista foi invocado para a criação do “Samba do Pacaembu”. Na letra, o compositor reforça a sua frase mais emblemática, exalta a identidade do estádio com a cidade de São Paulo e lembra que o Pacaembu não vai ser esquecido.

*“Pacaembu é seu, Pacaembu é meu, é nosso
Tem futebol, alegria do povo e eu gosto.
Paulo Machado de Carvalho ficou gravado na história
São Paulo, terra da garoa, palco de Rei e tantos mais
Patrimônio de glória, nunca esquecido
Pode falar quem quiser, gigante jamais adormecido”*

Fazendo jus ao apelido, Edson sorri, explica que o samba ainda não foi produzido oficialmente e brinca: “não sou um compositor muito comercial, eu sou um compositor sentimental”. E é com o sentimento de ansiedade que aguarda o Pacaembu retomar às atividades. “Não vejo a hora de reabrir. Graças a Deus, eu faço tudo com alegria e no Pacaembu não era diferente. Ainda vou ser a voz do Pacaembu, quando o estádio voltar”.



CAPÍTULO III

O drible



Na justiça

O relógio no alto do Estádio Municipal voltou a bater. Parado por quase três anos, os ponteiros foram acertados e agora acompanham o ritmo acelerado de São Paulo. O som do tic-tac é abafado pelo barulho de máquinas e homens trabalhando. Desde 2021, o gramado do Pacaembu se tornou um canteiro de obras e arquibancadas são demolidas para que uma nova estrutura seja erguida atrás da fachada imponente. Essa ação teve início após o Complexo Esportivo ser concedido à iniciativa privada em setembro de 2019.

Acompanhando as transformações no estádio octogenário, Maria de La Asunción Carmo Blanco, de 70 anos, gerontóloga e membro da Associação Viva Pacaembu por São Paulo, é moradora do bairro há 40 anos. Asunción, como é chamada, chegou na região sem querer. Ela e o marido estavam procurando uma casa para comprar e ao visitar uma na Rua Principado de Mônaco soube que era o local certo.

Já na Associação, Asunción está desde 2002, ano de fundação, e assumiu a responsabilidade de se aprofundar na história do Pacaembu, produzindo um amplo arquivo sobre o local. O grupo é formado, em sua maioria, por moradores do bairro homônimo, que nasceu para defender o lugar da especulação imobiliária e garantir a sua preservação, visto que o bairro é tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (Condephaat) desde 1991.

Assim como o bairro, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, incluindo o Complexo Esportivo, também é tombado como um patrimônio. Dois órgãos de preservação certificam que o lugar deve ser conservado: o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp) desde 1988 e o Condephaat desde 1998.

Essa medida garante, em tese, que a região se mantenha preservada, ficando o mais próximo da sua concepção original para a conservação da memória e particularidades do bairro. Entre os arquivos do Condephaat que justificam o tombamento do Estádio Municipal, está um parecer, assinado pela historiadora Sheila Schazmann, que destaca que: “não falamos da história de um *monumento* da cidade, mas de um *documento*, um bem vivo e ativo na vida de seus cidadãos”.

A “vida” descrita no papel oficial é o que Asunción chama de “pulsar da cidade”. De sua casa, que fica a cerca de um quilômetro do Municipal, ela acompanhava a movimentação dos torcedores indo para os jogos e, do quintal, ouvia os gritos de gol. A Praça Charles Miller, onde fica o Pacaembu, também foi ativa em suas vivências. Ali ia à feira e viu os filhos aprenderem a andar de bicicleta.

Além dessa vivência mais particular do espaço, o parecer de Sheila Schazmann também aborda outras questões que justificam o pedido de tombamento. A principal delas é o que chama de “uma mudança irreversível”. Nos anos de 1990, a administração do prefeito Paulo Maluf (PP) propôs que o Pacaembu fosse vendido, porque era “deficitário”. A historiadora pondera, ainda, que a gestão pública, seja nacional ou internacional, estava convivendo com a ideia de privatizações com mais frequência.

Passados 30 anos desde a primeira tentativa de privatizar, a gestão municipal realizou a concessão do Complexo Esportivo, utilizando-se de um argumento muito parecido com o apresentado nos anos 1990, de que o espaço estaria dando prejuízo aos cofres públicos. Uma reportagem do *G1*, publicada em 24 de janeiro de 2020, aponta que a receita do estádio, em 2017, foi de um pouco mais de R\$ 2 milhões, enquanto o gasto com manutenção foi de cerca de R\$ 8 milhões.

“A tentativa de privatizar o Complexo sempre existiu, especialmente, por quem não entendia a necessidade e importância dele para a cidade. Ele era único”, afirma Asunción, que completa dizendo que o processo não havia dado certo anteriormente devido as certificações de patrimônio e que um bem público deve servir à população e não gerar renda.

Além de Paulo Maluf (PP), o governo de Celso Pitta (PP), que teve início em 1997, também discutiu a privatização do espaço. O assunto deixou de ser pautado nas gestões de Marta Suplicy (PT), entre 2000 e 2004, e José Serra (PSDB), nos anos de 2005 e 2006. Vale ressaltar, que durante o período na prefeitura, o tucano articulou o projeto de criação do Museu do Futebol, localizado abaixo de uma das arquibancadas, que foi inaugurado em 2008, quando Serra era o governador do estado.

Em 2006, com Gilberto Kassab (PSDB) na prefeitura, criou-se a “Comissão de Estudos para Debates e Discussões sobre a Destinação do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho”. Tal comissão elaborou um relatório que previa a concessão do estádio para a iniciativa privada. É nesse processo que surge a intenção do Sport Clube Corinthians Paulista em arrendar o local, especialmente porque o Brasil se preparava para a Copa do Mundo. Para que o Pacaembu recebesse o evento esportivo mundial, teria que se adaptar aos padrões FIFA, passando por uma reforma. No entanto, o projeto foi barrado na câmara dos vereadores com uma forte oposição do vereador Marco Aurélio Cunha (DEM). Por fim, o time alvinegro construiu sua própria, a Neo Química Arena, utilizada na Copa de 2014.

Com a chegada de João Dória (PSDB) à Prefeitura de São Paulo, em 2017, cria-se a Secretaria Executiva de Desestatização e Parcerias, a qual tinha o objetivo de realizar e monitorar projetos firmados entre a prefeitura e empresas privadas, sejam concessões, parcerias público privadas (PPPs) ou alienação de ativos. Essa nova secretaria permitiu que diversos aparelhos geridos pela municipalidade fossem passados ao setor privado, por exemplo os cemitérios da cidade e alguns parques, como o Ibirapuera. Além disso, foi aprovado o Plano Municipal de Desestatização (PMD) através da Lei 16.703/2017.

Em julho de 2017, houve a publicação do edital de Procedimento de Manifestação de Interesse (PMI) para a concessão do Complexo Pacaembu. Quatro grupos foram habilitados a entregar estudos de arquitetura para serem adotados no espaço. Esses documentos foram analisados pelo Condephaat e pelo Conpresp para avaliar se estavam seguindo as regras de proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural.

Aprovada pelos órgãos de preservação, no mês de setembro de 2017, a concessão do Complexo Pacaembu foi autorizada pelo Legislativo, por meio da Lei 16.696/2017. A permissão legal, segundo parecer do Ministério Público de São Paulo, publicado em 29 de setembro de 2023, não participa do PMD, pois este não faz menção ao Complexo, estádios de futebol ou equipamentos esportivos de domínio municipal.

O Pacaembu faz parte de uma Zona de Ocupação Especial (ZOE) e pôde ser privatizado após a aprovação da Lei 16.696/2017. As ZOEs, que fazem parte do Plano Diretor Estratégico (PDE) aprovado em 2014, com o prefeito Fernando Haddad (PT), determinam regiões do território que abrigam atividades com características únicas, como aeroportos e grandes áreas de lazer. Essas Zonas necessitam de disciplina para a ocupação e uso do solo, a qual é determinada por um Projeto de Intervenção Urbana

(PIU). Para o ordenamento da ZOE da região do Pacaembu, o PIU-Pacaembu foi publicado no Diário Oficial, no dia 15 de maio de 2018, na gestão do prefeito Bruno Covas (PSDB), visto que Dória tinha saído para a disputa ao Governo do Estado.

A mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), Stela Da Dalt, que pesquisou sobre o processo de concessão do Complexo Esportivo do Pacaembu, explica que o PIU deve ser realizado para mostrar à população como ficará um espaço após a intervenção que ele venha a sofrer. Dessa maneira, a sociedade se manifesta sobre essas mudanças e forma um grupo, organizado e determinado legalmente pelo PIU, para acompanhar e fiscalizar o que está sendo feito, chamado de Grupo Gestor.

Um mês antes da publicação do PIU no Diário Oficial, no dia 20 de abril de 2018, houve uma audiência pública para a discussão sobre a concessão do Complexo, mesmo com o aval do Legislativo Municipal dado no ano anterior. Desde o início, a Associação Viva Pacaembu por São Paulo, a qual Asunción é membro, se mostrou receosa.

“Todo o bairro é tombado. Como a gente [Associação] conseguiu defendê-lo em todas as discussões do Plano Diretor, ele não tem muitas alterações. O que mais sofreu foi o Complexo a partir do momento em que ele foi concedido. O edital quem fez foi a Prefeitura, não fui eu, não foram os moradores, não foi ninguém que estava conectado com o Pacaembu. Aí é que começa o problema”, comenta Asunción sobre o processo de concessão do espaço, o qual ela entende que houve negligência do executivo municipal em preservar o patrimônio.

A Prefeitura lançou o edital de licitação do Complexo e do estádio em julho de 2018. No entanto, ele foi barrado pelo Tribunal de Contas do Município (TCM) e relançado em fevereiro de 2019. Em setembro do mesmo ano, foi firmada a parceria entre a Prefeitura de São Paulo, na figura da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SEME), e a Concessionária Allegra Pacaembu SPE S/A, a qual tem o direito de explorar o espaço por 35 anos. O valor do contrato assinado é de R\$752.409.974,07 e a Concessionária prometeu entregar parte da obra, no caso a inauguração do estádio, em 25 de janeiro de 2024.

O edital prevê reformas estruturais, por exemplo a do sistema elétrico e hidráulico e a construção de novos banheiros, além de algumas premissas que devem ser seguidas, como a garantia do acesso livre e gratuito, o desenvolvimento de atividades pela SEME, a fiscalização rigorosa para preservação do patrimônio, a qual não especifica quem deve fazer, e que todo projeto de intervenção deverá ser aprovado pelos órgãos competentes.

Para a Associação Viva Pacaembu por São Paulo, o edital não foi seguido. Em outubro de 2019, eles entraram com um pedido no MPSP solicitando a suspensão do contrato. Eduardo Machado Barella, CEO da Allegra, era conselheiro administrativo da São Paulo Transporte (SPTrans) quando entregou os envelopes para participar da licitação. Tal fato se configuraria como um descumprimento do edital, visto que neste está escrito que “não poderão participar da licitação, isoladamente ou em consórcio, quaisquer entidades que tenham como empregado, dirigente, sócio ou ocupante de cargo ou emprego na Administração Municipal, Direta ou Indireta, resguardados outros impedimentos previstos na legislação e regulamentos aplicáveis”.

Além disso, Claudia Kassab, sobrinha de Gilberto Kassab, ex-prefeito de São Paulo e, na época, secretário da Casa Civil do município, era casada com Rafael Carneiro Bastos Carvalho, diretor comercial da Allegra. Gilberto Kassab foi afastado do cargo público em janeiro de 2019 para se defender de denúncias de corrupção.

A reportagem de Demétrio Vecchioli, no blog *Olhar Olímpico*, publicada no portal de notícias *Uol*, no dia 22 de outubro de 2019, mostra que a Allegra Pacaembu é formada, majoritariamente, por duas empresas a Projetos Gerenciamento e Engenharia S.A (Progen) e o Savona Fundo de Investimento em Participações. A primeira é gerida por Eduardo Machado Barella e tem como membro do conselho Rafael Carneiro Bastos Carvalho.

“O que mais assusta é saber que tem um processo na justiça e que pouco foi falado”, afirma Asunción se referindo ao processo que a Associação deu entrada na Justiça através de uma Ação Civil Pública contra o Município de São Paulo em julho de 2018.

O advogado Daniel Martins Boulos, que representa a Associação, explica que a Lei 8.666/93, que estabelece as diretrizes para licitações, não foi cumprida e que algumas etapas para o processo foram invertidas. Ele também alega que o PIU-Pacaembu não foi seguido, que as consultas públicas não foram feitas e que o tombamento foi ignorado. “Tem um decreto municipal que instituiu o Projeto de Intervenção Urbana e houve uma informação deficitária sobre o transcurso das etapas deste PIU. O processo também prevê a manifestação da sociedade civil sobre a licitação. Então tinha que ter sido realizadas uma série de reuniões públicas, só que elas foram feitas, basicamente, de forma secreta, com pouca publicidade. O que a gente entende que é uma ilegalidade”, analisa o advogado.

Em 2021, as obras começaram a ser realizadas no Complexo Esportivo, mesmo com o processo judicial iniciado pela associação de moradores

do bairro. A Câmara dos Vereadores de São Paulo, no dia 27 de maio de 2022, organizou uma audiência pública para discutir as intervenções no Pacaembu. Durante a reunião, a criação do Grupo Gestor do PIU-Pacaembu foi questionada algumas vezes. Os presentes na sessão alertaram sobre a inexistência de uma equipe de fiscalização. Na ocasião, o vereador Eduardo Suplicy (PT) manifestou-se a respeito do instrumento urbanístico “No PDE, consta que o PIU-Pacaembu será elaborado, implementado e fiscalizado com a participação da sociedade, mas a última vez que esta foi ouvida sobre o tema, foi em abril de 2018. O que não ocorreu até o presente momento foi a implementação do Grupo Gestor que teria a função legal de fiscalizar a concessão”.

Diante disso, o sentimento de Asunción é de abandono. Ela enxerga que o patrimônio da cidade está sendo derrubado e que ninguém se importa. “A concessão não respeitou o próprio edital e o Plano Diretor. Tudo o que tem que ser feito no Pacaembu precisa passar pelos órgãos de patrimônio para aprovação. E foi aprovado qualquer coisa”.

O MPSP analisou a ausência de formação do Grupo Gestor do PIU-Pacaembu e publicou um parecer técnico no dia 29 de setembro de 2023. Para o órgão a inexistência do grupo inviabiliza o controle social e está em desacordo com os princípios legais do PDE e com os Decretos Municipais 56.901/16, que instaura o Plano de Intervenção Urbana, e o 58.226/18, que estabeleceu o PIU-Pacaembu.

O edital

A segunda versão do edital, lançada em fevereiro de 2019, traz entre os anexos da publicação o “Caderno de encargos da concessionária”. Uma das seções, chamada “Diretrizes do projeto e de obra”, estabelece orientações para a reforma do Complexo.

As diretrizes listam regras. No item 2.9 está escrito que a reforma e recuperação deve estar de acordo com as “exigências das normas de tombamento e de proteção do patrimônio histórico, cultural, artístico e paisagístico”. No tópico “h” do texto, na página sete, destaca-se que “é admissível a demolição parcial e/ou total do Tobogã, desde que justificado no novo programa de uso”.

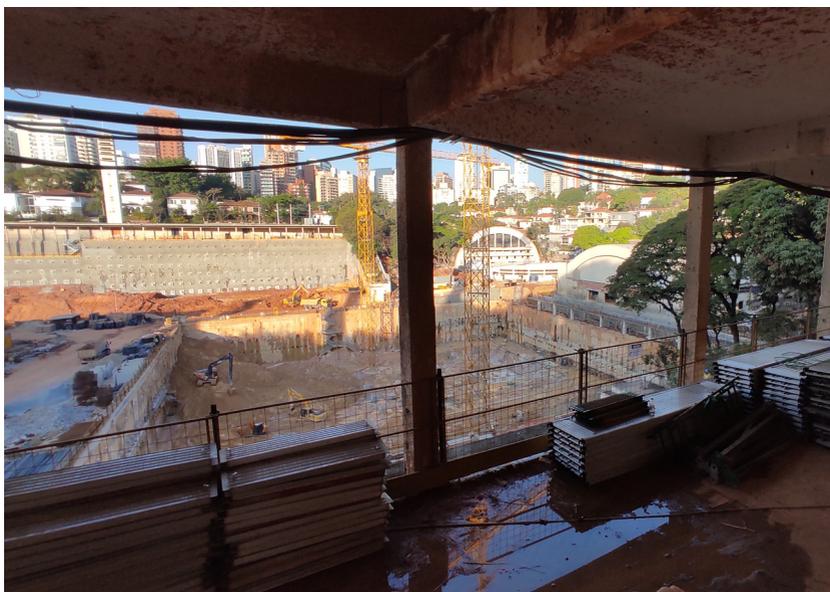
Em 2021, a arquibancada sul do Pacaembu, chamada de Tobogã, foi demolida. No entanto, apesar de prevista nos anexos do edital, em janeiro, a Associação de Moradores do bairro entrou com um pedido na Justiça para que a demolição fosse barrada. O pedido foi acatado pelo juiz Alberto Alonso Munoz, da 13ª Vara de Fazenda Pública, que, assim como os moradores, entendeu que o espaço está incluído no patrimônio. Em fevereiro, a juíza Maria Gabriella Pavlóoulos Spaolozzi revogou a decisão e autorizou a derrubada da estrutura.

Para a juíza, a arquibancada sul não faz parte do projeto original do estádio e, portanto, não está incluso no tombamento do espaço. A decisão da magistrada se baseou em uma das considerações do Condephaat, estabelecida no processo de patrimonialização do Complexo Esportivo, que afirma que o tobogã representa uma “gravíssima descaracterização”, visto que ele foi erguido no lugar da concha acústica.

“A história de que o Tobogã não fazia parte do patrimônio é mentira! Quando foi feito o registro, ele já existia”, ressalta Asunción, que lembra que o primeiro tombamento foi realizado em 1988 e a arquibancada construída em 1970.



*A demolição do Tobogã teve início em junho de 2021. Foto: Tiago Queiroz /
Estadão Conteúdo*



*Escavação do setor onde se localizava o Tobogã para a construção de um prédio,
registro realizado em julho de 2023. Foto: Bianca Anacleto*



Início da construção do prédio que deve abrigar restaurantes, hotel e centro de convenções. Registro feito em outubro de 2023. Foto: Bianca Anacleto



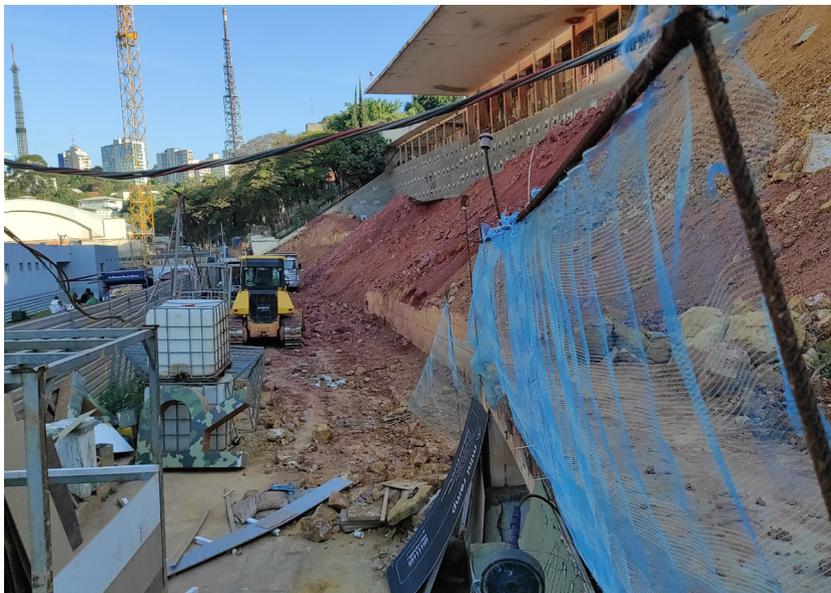
Previsão de como ficará parte do estádio após a reforma. Ao fundo está a estrutura do prédio que substituirá o tobogã. Foto: Reprodução/ Allegra Pacaembu

De acordo com a Concessionária Allegra, no lugar do Tobogã será erigido um prédio de cinco andares e quatro subsolos. A construção vai abrigar, ainda, um centro de eventos, restaurantes, espaço para reabilitação de atletas, galeria de artes e um hotel em parceria com a *Universal Music Hotels*, rede hoteleira da gravadora de mesmo nome.

No documento de diretrizes, o ponto “1” destaca que “não será admissível a demolição, ainda que parcial, das áreas de arquibancada do estádio, bem como a construção de novos lances ou pavimentos na mesma”. No entanto, isso não aconteceu.

Asunción se revolta diante da demolição da estrutura. “Os órgãos de patrimônio foram dando aprovações absurdas, como deixar destruir arquibancadas”. A mestre em arquitetura e urbanismo pela USP, Stela Da Dalt, avalia que: “Não faz sentido nenhum demolir algo que não precisa ser demolido. Se uma coisa é tombada, você não põe ela no chão”.

Em uma audiência pública, realizada na Câmara dos Vereadores de São Paulo, organizada pela Comissão de Educação, Cultura e Esportes, no dia 27 de maio de 2022, para tratar sobre as intervenções realizadas no Pa-



Visão da arquibancada leste do Municipal demolida. O registro foi realizado em julho de 2023, seis meses antes da prometida inauguração do espaço.

Foto: Bianca Anacleto

caembu, a vereadora Silvia da Bancada Feminista (PSOL) destacou a lei municipal 10.032/85, a qual criou o Conpresp. O texto jurídico defende que um bem tombado não pode ser “destruído, demolido, mutilado” e que os reparos poderão ser de pintura e restauro com “prévia autorização”. A parlamentar defende: “Não pode existir uma autorização para demolir. Só pode existir uma autorização para restaurar”.

Por sua parte, o administrador da Allegra, Rafael Carneiro Bastos de Carvalho, explicou aos presentes na sessão da Câmara que as arquibancadas não estão sendo demolidas, mas estão passando por um trabalho de contenção. Segundo ele, esse processo serve para tornar o local mais adequado, com segurança e acessibilidade.

O representante do Condephaat, Carlos Augusto Mattei Fagin, presente na reunião, endossa a fala do empresário. “As pessoas podem ficar assustadas com uma demolição, mas ficarão muito satisfeitas de verem que as novas arquibancadas serão exatamente iguais à anterior. Saibam que as arquibancadas laterais do estádio são curvas e não retas como parecem. As futuras, serão curvas também”.

As cadeiras que estavam presentes nas arquibancadas, portanto, foram retiradas e colocadas à venda na loja de artigos de decoração *Tok & Stok*. Uma matéria publicada no *G1*, no dia 29 de julho de 2022, mostrou que os móveis estavam sendo vendidos por cerca de R\$ 1.800 a unidade. Em nota à reportagem, a Allegra e a *Tok & Stok* declararam que a iniciativa estava associada a uma causa ambiental, para não ter o descarte do material, e que não havia nenhum impedimento legal sobre a comercialização. O valor arrecadado com as vendas seria revertido para

PACAEMBU
PARA
TOK & STOK
CADEIRAS ORIGINAIS
DO SEU, DO MEU,
DO NOSSO PACAEMBU.

100% do lucro será revertido para a Fundação Gol de Letra

FUNDAÇÃO GOL DE LETRA

Anúncio das vendas das cadeiras do Estádio Municipal no site da loja de decoração Tok&Stock - Foto: Reprodução

a *Fundação Gol de Letra*, organização sem fins lucrativos de incentivo ao esporte, voltado para crianças carentes e fundada pelos ex-jogadores da seleção brasileira Raí e Leonardo.

A reportagem da Folha de S.Paulo, publicada em 28 de julho de 2022, destaca que o vereador Celso Giannazi (PSOL) entrou com uma representação no Ministério Público e no Tribunal de Contas do Município contra a venda das cadeiras. O texto foi avaliado no TCM em abril de 2023 e julgado improcedente.

Outro elemento do “Caderno de encargos” adjunto ao edital, diz respeito à Praça Charles Miller, localizada à frente do Estádio Municipal. O arquivo, no item “j”, destaca que o local “não integra a área da concessão” e que “não serão admitidas quaisquer intervenções na Praça”.

Apesar disso, em 26 janeiro de 2022, como publicado pelo blog *Olhar Olímpico*, a Concessionária Allegra pediu à Prefeitura de São Paulo que o contrato fosse estendido por mais 15 anos, que recebesse um desconto de 71% da outorga, ou seja, o que deve ser pago à Prefeitura, e que a Praça Charles Miller fosse incluída na concessão. A justificativa seria para mitigar os prejuízos causados pela pandemia de covid-19. A arquiteta Stela explica que o espaço é considerado uma área verde e que não está na ZOE do Pacaembu e não é gerida pela SEME.

O *Olhar Olímpico* também mostrou que a SP Parceiras, sociedade de economia mista da Administração Pública do Município que tem o objetivo de desenvolver projetos de privatização, concordou em pleitear a Praça para a Concessionária como forma de compensação. Em abril, a Prefeitura impôs sigilo aos documentos referentes à extensão do contrato.

Sobre a questão da confidência no arquivo, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), afirmou ao *G1* em setembro de 2022: “O que existe é que dentro do procedimento o concessionário faz uma solicitação, apresenta um documento e ele naturalmente entra sob sigilo para identificar se tem alguma coisa que pode prejudicar alguma questão de mercado”. O político alegou que após esse procedimento, os documentos se tornam públicos e disse ter determinado a retirada do sigilo.

Sobre a argumentação do prejuízo causado pela pandemia, a arquiteta Stela Da Dalt destaca: “Eles [Concessionária] estão pedindo [a Praça] porque tiveram prejuízo na pandemia. O que é muito engraçado, porque eles fizeram dois hospitais de campanha, né? Eles foram remunerados para fazer esse trabalho. Só que falam que não foi a Allegra a beneficiada”.

Em 2020, a Progen, uma das empresas que formam a Concessionária Allegra Pacaembu, foi responsável pela montagem dos hospitais de

campanha do Pacaembu e do Anhembi. O negócio recebeu mais de R\$34 milhões da Prefeitura. Atualmente, tramita no TCM uma representação que investiga supostas irregularidades na contratação da empresa na instalação das estruturas hospitalares temporárias.



Vista aérea da Praça Charles Miller e ao fundo o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, ainda com o tobogã e arquibancadas preservados, em 2012.

Foto: Carlos Ebert / Ludopédio

Além disso, a empresa tem lucrado com a organização de eventos no próprio Pacaembu. Apesar de estar em obras, a Allegra ergueu a estrutura de um pavilhão, chamado de “Pavilhão Pacaembu”, onde recebe espetáculos. No balanço patrimonial da empresa referente aos anos de 2021 e 2022, divulgado no jornal *Data Mercantil*, na edição de 28 de março de 2023, há a indicação de um patrimônio consolidado, o que indica que a Allegra é controladora de outras empresas. Nas notas explicativas do arquivo, a Concessionária controla as companhias PACA Eventos e Serviços S.A e ARPA Comércio e Serviços S.A, que trabalham na montagem de estruturas e coordenação de eventos respectivamente. Ambas empresas estão registradas no mesmo endereço que a Allegra Pacaembu e realizam a organização das solenidades no Pavilhão. Por fim, o parecer do balanço traz a consideração de que a Concessionária

apresenta prejuízos por estar em fase de investimento na reforma.

Antes do surgimento do “Pavilhão Pacaembu” em abril de 2022, o Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (LabCidade), projeto de pesquisa e extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, alertou em uma publicação online do dia 28 de janeiro de 2022, que o gramado estava sendo concretado sem a autorização dos órgãos de patrimônio.

Sobre esta situação, Asunción, moradora do bairro desde a década de 1980 argumenta que: “Estão enganando todo mundo, inclusive os órgãos de patrimônio. Construíram uma tenda e alegaram que seria para depósito de material de construção. Cimentaram o gramado e a estrutura está recebendo shows, jantares e vários eventos”.

Outra postagem do LabCidade, do dia quatro de abril de 2022, afirma que o “Pavilhão Pacaembu” faz parte de uma estratégia que gira em torno da execução antes da autorização. O texto destaca que esse procedimento descaracteriza o patrimônio cultural da cidade e traz exemplos de quando essa ação foi utilizada, como na implantação da escultura de um touro dourado à frente da B3, no Centro de São Paulo, sem a aprovação prévia da Comissão de Proteção à Paisagem Urbana (CPPU).

A mestre em arquitetura e urbanismo, Stela, entende que, mesmo que o pavilhão seja temporário, descaracteriza e deteriora um bem tombado e não recebeu autorização dos órgãos competentes para ser erguido. A Lei 9.605/93, no artigo 63, considera crime “Alterar o aspecto ou estrutura de edificação ou local especialmente protegido por lei, ato administrativo ou decisão judicial, em razão de seu valor paisagístico, ecológico, turístico, artístico, histórico, cultural, religioso, arqueológico, etnográfico ou monumental, sem autorização da autoridade competente ou em desacordo com a concedida”.

O LabCidade ainda denuncia que em uma Sessão Ordinária do Condephaat, ocorrida no dia quatro de abril de 2022, aprovou sem grandes discussões a modificação do muro nos arredores do Complexo Esportivo, os quais foram derrubados para serem colocadas grades. No entanto, o grupo argumenta que a estrutura já tinha começado a ser demolida um mês antes, “seguindo a anunciada lógica de fazer antes de aprovar”, conclui o texto.

Asunción entende que a cidade está destruindo o patrimônio e que “o Pacaembu é o exemplo mais escandaloso desse movimento”. Ela cita o enfraquecimento do setor com a modificação no Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), aprovada em agosto de 2023, que foi seccionado em alguns setores e passou a ser chamado de Coordenadoria do Patrimônio Histórico (CPH).

A debilitação do setor patrimonial também passa pela configuração do Condephaat, um dos principais órgãos de preservação de São Paulo. Uma reportagem do *Uol*, publicada em julho de 2019, mostra que o MPSP contestou a validade de um decreto do governador João Dória (PSDB) sobre a alteração da composição do Conselho. No caso, o político tinha diminuído o número de cadeiras e determinou que as universidades com postos no órgão deveriam enviar uma lista tríplice para a escolha do governador por um nome. O Ministério Público entendeu que com a escolha dos representantes das instituições de ensino, o governador aumentaria suas indicações de nomes no órgão. Dos 24 assentos no Condephaat, 12 já são escolhidos diretamente pelo gestor. Apesar da ação, o Tribunal de Justiça deu razão ao governo.



No mês de julho de 2023, o Pavilhão Pacaembu recebeu o Wine Weekend, evento de vinhos. O local também está promovendo outras atrações, como competição de e-sportes. Foto: Bianca Anacleto

E agora?

Para quem acompanha esse processo de intervenção no Pacaembu há anos, como Asunción, o sentimento é de que a luta pela preservação do patrimônio e por um espaço público de qualidade está sendo inviabilizada por aqueles que deveriam preservá-la. “Não vi apoio ou manifestação de, absolutamente, ninguém. A verdade é que está todo mundo achando lindo, só que esquecem do que a cidade perdeu. Esquecem que tudo aqui [no Complexo] era gratuito. E agora? Vai ser tudo pago?”.

O Complexo Esportivo era formado, para além do estádio, por uma piscina olímpica aquecida com arquibancada para 2.500 pessoas, ginásio poliesportivo coberto com capacidade para abrigar 2.500 espectadores, ginásio de saibro coberto para tênis com assento para 800 pessoas, quadra externa de tênis com arquibancada de 1.500 lugares, quadra poliesportiva externa com iluminação, três pistas de corrida, sendo uma com 500m e as outras com 600m e 860m, e duas salas de ginástica. O seu uso ocorria por meio do cadastro de moradores da cidade de São Paulo que tinham o interesse de desfrutar do espaço, onde eram oferecidas aulas pela SEME.

Rafael Carneiro Bastos Carvalho, diretor da Allegra Pacaembu, em audiência no Tribunal de Contas do Município (TCM), no dia 20 de junho de 2023, transmitida ao vivo no canal do *YouTube* do órgão, comentou sobre o uso do espaço. Segundo o gestor, a concessionária vai adotar o mesmo plano da prefeitura. O local ficará aberto, pelo menos, das seis da manhã até às dez da noite de segunda a sexta-feira.

Todas as estruturas do Complexo estão sendo restauradas e reformadas pela Concessionária. Em sua fala no TCM, Carvalho comentou que durante as obras foi descoberto que a cobertura da quadra de tênis de saibro era, na verdade, de madeira e não alvenaria. Assim, os trabalhos são de restauração do espaço.



O Estádio Municipal em 2019, antes de ser concedido à iniciativa privada, com o Tobogã ao fundo. Foto: Edson Lopes Jr. / Secom



Previsão de como ficará o estádio a partir de 2024. O gramado será sintético e terá cerca de 26 mil lugares disponíveis. Foto: Reprodução / Allegra Pacaembu

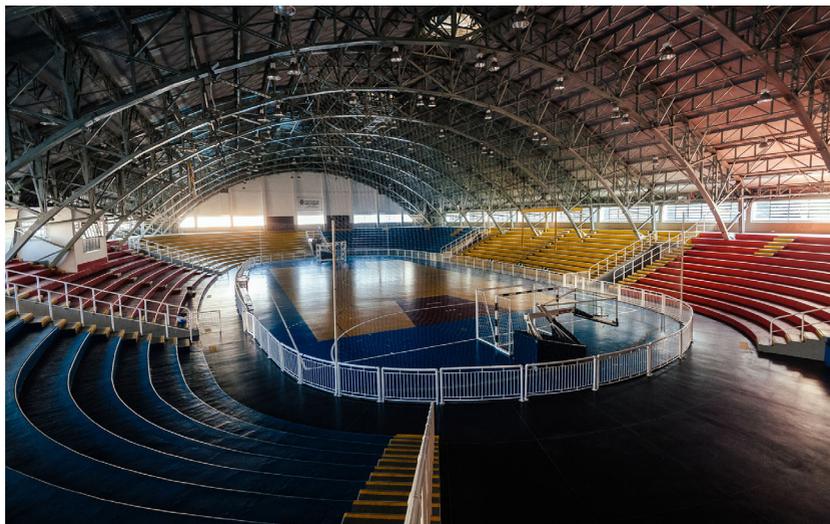
Carvalho, durante a apresentação, também esclareceu que o uso da piscina será público e restrito, visto que há a obrigatoriedade de apresentar exame médico para a utilização do local. Já para os demais equipamentos, será necessário realizar uma alocação, incluindo as novas estruturas do prédio localizado no espaço do Tobogã.

A Concessionária também está estabelecendo acordos com entidades esportivas para potencializar as atividades no Complexo. Segundo uma matéria do *ge.com*, publicada no dia 26 de junho de 2023, a Allegra Pacaembu e a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) assinaram um termo para o uso da pista de atletismo em competições e treinamentos. O mesmo foi firmado com a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA), mas focado na piscina.

A reforma do Pacaembu ampliou o local com a construção do edifício multiuso no lugar do Tobogã. O prédio vai abrigar restaurantes, galeria de artes, um centro de reabilitação esportiva, arena de e-sports e um hotel em parceria com a *Universal Music*. Durante a apresentação no TCM, o diretor da Concessionária confirmou que mais de 800 shows já foram negociados e serão realizados no Pacaembu, visto a parceria com a produtora musical.



Ginásio de saibro para tênis no Complexo Esportivo. O espaço está sendo restaurado e no processo descobriu-se um revestimento de madeira no local, que deve ser preservado no novo projeto. Foto: Leon Rodrigues / Secom SP



O ginásio do Pacaembu é outro setor do Complexo que pouco se falava, ele tinha a capacidade de abrigar 2.500 espectadores. Foto: Leon Rodrigues / Secom SP

“O uso cultural e de lazer passou anos sendo negligenciado. A gente sabe que há uma dificuldade de relacionamento entre os moradores do bairro, que querem sossego, e os frequentadores. Mas no edifício, a gente vai ter um setor que vai comportar 8.500 pessoas no modo show. Os shows acabam acontecendo nesse espaço com uma acústica já projetada para isso. Um possível evento de gramado será desenhado de forma que não cause impacto sonoro para o bairro. É possível desenhar isso com a tecnologia que tem hoje”, afirmou o executivo ao TCM.

A dificuldade mencionada por Carvalho diz respeito à produção de ruído no estádio. Em 2005, os moradores entraram na Justiça e conseguiram com que os eventos realizados no Pacaembu não ultrapassem os 45 decibéis durante o intervalo das 22h até 7h e dos 50 decibéis entre 7h até 22h.

A abertura do Estádio Municipal está prevista para o dia 25 de janeiro de 2024, mesma data do aniversário de São Paulo e da disputa da final da Copa São Paulo de Futebol Júnior, a Copinha. Tradicionalmente, o encerramento da competição era realizado no Pacaembu e a Concessionária quer reabrir o local com esse evento. Segundo a apresentação do executivo da Allegra ao TCM, a abertura do restante do complexo deve acontecer em abril de 2024, enquanto o funcionamento total do espaço ocorrerá apenas em outubro do mesmo ano.

Enquanto a Allegra se prepara para a inauguração, o MPSP, em setembro de 2023, divulgou um parecer técnico indicando que o modelo de concessão estava confuso. O documento divulgado pelo Ministério destaca que as instalações novas, as que são referentes ao prédio, são voltadas para usos estritamente privados e não públicos. Para o órgão, a concessão deveria ser baseada em um equipamento público comunitário. No entanto, mesmo com esse parecer, no dia 24 de outubro, a juíza Maria Gabriella Pavlopoulos Spaozonzi, da 13ª Vara da Fazenda Pública, julgou improcedente a ação movida pela Associação Viva Pacaembu por São Paulo, que luta pelo cumprimento do edital e preservação do patrimônio cultural da cidade. A decisão da magistrada foi tomada em primeira instância e pode ser revertida.

“No Pacaembu, as rasteiras não vieram só no futebol”, argumenta Asunción e relaciona a história do estádio com a política. Para ela, quando inaugurado, em 1940, Getúlio Vargas quis se apropriar da construção idealizada por Mário de Andrade, que desenvolveu um projeto de complexo esportivo para a população. Hoje, o bem público está sob o poder de uma empresa privada, e não se sabe quais rumos efetivamente serão dados ao local.

Mesmo com as mudanças internas na estrutura, a fachada imponente que carrega as letras das palavras “Estádio Municipal” em maiúsculo se mantém preservada. O nome e a lembrança, por enquanto, são mantidos como as do espaço público que foi central na construção e desenvolvimento do esporte no país.

“Esse complexo todo teve muita história, principalmente, ligada ao futebol. Por isso, eu falo que é uma tristeza, porque era para todos os times e toda a população terem defendido esse lugar. O Pacaembu é a memória de todos os clubes, ele faz parte da história do esporte e da cidade”, conclui Asunción.

Fontes consultadas

Ademir Takara: bibliotecário do Centro de Referência do Futebol Brasileiro e que trabalha no Museu do Futebol, localizado no Pacaembu, é uma das pessoas que mais conhece a história do Municipal. Ademir é apaixonado pela modalidade e muito fã de guias de futebol, dentre seus trabalhos realizou o levantamento de todos os jogos ocorridos no Pacaembu.

Carlos Zoega Coelho: o advogado de 61 anos frequentou o Pacaembu na infância. Ia aos jogos acompanhado de seu pai, Antônio Pessoa Coelho, que foi jogador de futebol e nos gramados ficou conhecido como “Odi-lon”. Junto ao pai assistiu às partidas mais marcantes de sua vida e pôde acompanhar um pouco da carreira de Pelé.

Daniel Martins Boulos: é advogado, professor de Direito no Insuper Instituto de Ensino e Pesquisa, em São Paulo, e representa a Associação Viva Pacaembu por São Paulo no processo na Justiça contra a privatização do estádio e revisão do edital de concessão.

Edson Sorriso: conhecido como a “voz do Pacaembu” tem 63 anos e é o locutor oficial do Estádio Municipal desde 2010. Sorriso eternizou alguns bordões em seu timbre inconfundível, como o *slogan* do estádio “o seu, o meu, o nosso Pacaembu”.

Fernando Martinez: o jornalista de 46 anos, torcedor do Corinthians, frequentou o Pacaembu boa parte de sua vida. É um admirador de “jogos alternativos”, aqueles que não estão no radar da mídia tradicional, como partidas de base e de divisões inferiores. Já cobriu muitos jogos no Estádio do Pacaembu.

Gabriele Martinez: conhecida como Gabi, é formada em Jornalismo e tem 25 anos. Conheceu o Pacaembu na infância em um passeio de escola e se encantou pelo estádio. Quando adolescente, faltava às aulas no ensino médio para visitar o Museu do Futebol, local onde, anos depois, foi estagiária de comunicação. Sua paixão pelo Municipal foi registrada em sua pele, ela tatuou o traçado do Pacaembu na nuca.

Leandro Iamin: o jornalista de 39 anos e palmeirense viveu momentos inesquecíveis no Pacaembu. Foi a jogos na infância acompanhado por seu tio Fernando Cezar Pereira, apelidado carinhosamente de Feu, e depois visitou o estádio na juventude. Leandro esteve presente na partida entre Palmeiras e São Paulo, da Supercopa de Futebol Júnior, ocorrida em 1995, que terminou em uma briga entre torcedores. O episódio ficou conhecido como “Batalha Campal do Pacaembu” e deixou uma pessoa morta e mais de 100 feridas.

Maria de La Asunción Carmo Blanco: chamada de Asunción, tem 70 anos, é gerontóloga de formação e membro da Associação Viva Pacaembu por São Paulo. Ela é moradora do bairro há mais de 40 anos e conhece toda a história do Pacaembu. É uma defensora do patrimônio e da conservação do bairro e do estádio.

Matheus Ortega Ricci: corintiano desde o nascimento, o analista de comunicação tem 25 anos e se formou torcedor no Pacaembu. Na infância ia ao estádio com seu pai, Sandro Ricci, mas principalmente com o avô, Diogo Ortega. Ele, por ser criança, e o avô, por ter mais de 60 anos, não pagavam para assistir às partidas de futebol no Pacaembu, pois eram beneficiados pela Lei municipal 11.256, que determinava gratuidade no Municipal para esse público.

Sandro Ricci: o corintiano de 49 anos, é microempreendedor, pai do Matheus e frequentador do Pacaembu. Influenciou seu filho a ir ao estádio, porque cresceu visitando o espaço. Sandro acredita ter nascido torcedor do Corinthians e enxerga o Municipal como a casa do alvinegro.

Sérgio Miranda Paz: o engenheiro eletricitista de 61 anos torce para o Corinthians, mas se declara ser mais apaixonado pela seleção brasileira. Foi a oito Copas do Mundo e, mesmo conhecendo muitos estádios, seu coração mora no Pacaembu. Antes mesmo de nascer, a mãe de Sérgio,

Alzira Paz, desfilou na inauguração do Municipal em 1940. Durante a infância, ele frequentou as arquibancadas e se tornou “pelezista” por acompanhar muitos jogos do Pelé.

Stela Da Dalt: a mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP) dedicou sua dissertação à pesquisar sobre a concessão do Complexo Esportivo do Pacaembu. Ela conheceu o local em 2016 e foi frequentadora do espaço, especialmente da piscina olímpica. Stela acompanhou cada passo da privatização do patrimônio.

Victor Yooko Dionísio: atua no setor administrativo de uma empresa de saúde. Em paralelo, o jovem de 26 anos mantém uma página no instagram chamada *Memórias de arquibancada*, em que publica todas as partidas de futebol que frequenta. Ele é corintiano e começou a gostar de estádios por frequentar o Pacaembu, passando pelos piores momentos do time do coração nas arquibancadas do Municipal, como o rebaixamento para a Série B em 2007, e os melhores, como a conquista da Libertadores em 2012.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA Câmara de Notícias. **Lavagem de dinheiro pode ter ido além do Corinthians**. 2007. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/106710-lavagem-de-dinheiro-pode-ter-ido-alem-do-corinthians/>. Acesso em: 16 set. 2023.

AGÊNCIA CORINTHIANS. **Há sete anos, Corinthians se despediu oficialmente do Pacaembu**. 2021. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/ha-sete-anos-corinthians-se-despediu-oficialmente-do-pacaembu>. Acesso em: 16 set. 2023.

ALLIATTI, Alexandre; FERNANDEZ, Martin; FABER, Rodrigo. **“Mãe, hoje é jogo de criança, não tem perigo”**. 2017. Disponível em: <https://app.globoesporte.globo.com/sp/futebol/violencia-torcidas-corinthians-sao-paulo/index.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ASSUMPÇÃO, Ricardo Ramos. **Estádio do Pacaembu - modernidade e obsolescência (1921-1970)**. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-26092019-162905/en.php>. Acesso em: 16 abr. 2023.

BERGAMO, Mônica. **Ministério Público é acionado contra a venda de cadeiras do Pacaembu**. Folha de São Paulo. São Paulo. 28 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monica-bergamo/2022/07/ministerio-publico-e-acionado-contra-a-venda-de-cadeiras-do-pacaembu.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2023.

BRAGA, Thiago. **Em 1995, decisão na base entre Palmeiras x SP terminou em morte no Pacaembu**. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/01/22/em-1995-decisao-na-base-entre-palmeiras-x-sp-terminou-em-morte-no-pacaembu.htm>. Acesso em: 11 out. 2023.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de ‘atualização’**. 2016. 237 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-10032017-152856/publico/2016_GabrielMoreiraMonteiroBocchi_VOrig.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. [nov. 2022]. Entrevistador: Bianca Anacleto. Florianópolis, 2022. **Podcast: O meu? O seu? O nosso? De quem será o Pacaembu**. Duração: 20 min. Disponível em: < <https://spotify.link/UwwOcFcm5yb>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

CANÔNICO, Leandro. **Andrés avisa: ‘Enquanto eu for presidente, o Corinthians não joga mais no Morumbi’**. Globo Esporte. São Paulo, p. 1-1. 14 fev. 2009. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Corinthians/0,,MUL1002427-9862,00-ANDRES+AVISA+ENQUANTO+EU+FOR+PRESIDENTE+O+CORINTHIANS+NAO+JOGA+MAIS+NO+MORU.html#:~:text=Logo%20depois%20de%20ser%20reeleito,o%20mando%20for%20do%20rival>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CIDADE de São Paulo (org.). **Edital de Licitação para Concessão**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/projetos/desestatizacao/pacaembu/edital_pacaembu/index.php?p=256384. Acesso em: 29 out. 2023.

COMPLEXO esportivo atende público de todas as idades. 2020. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/estadio_pacaembu/centro_esportivo/index.php?p=746. Acesso em: 11 nov. 2023.

DALT, Stela da; SANTORO, Paula Freire. **Cidadania pelas frestas:**

como monitorar a concessão do Pacaembu? 2022. Elaborada por LabCidade. Disponível em: <https://www.labcidade.fau.usp.br/cidadania-pelas-frestas-como-monitorar-a-concessao-do-pacaembu/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

DALT, Stela da. **Faz primeiro, aprova depois: a descaracterização do Pacaembu.** 2022. Elaborada por LabCidade. Disponível em: <https://www.labcidade.fau.usp.br/faz-primeiro-aprova-depois-a-descaracterizacao-do-pacaembu/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

DEMONSTRAÇÕES contábeis referentes aos exercícios sociais encerrados em 31 de dezembro de 2022 e 2022: Concessionária Allegra Pacaembu SPE S.A. Concessionária Allegra Pacaembu SPE S.A. Data Mercantil. São Paulo, 28 mar. 2023. Publicações Legais, p. 5-6.

DIÁRIO OFICIAL: **Comunicado de Audiência Pública sobre o Pacaembu.** São Paulo, 5 abr. 2018. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/1_1571768681.0_sei_124_3_comunicado_audiencia_publica__pacaembu. Acesso em: 29 out. 2023.

DIÁRIO OFICIAL: **Contrato de Concessão Complexo Pacaembu. São Paulo,** 17 set. 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/projetos/desestatizacao/pacaembu/index.php?p=284149>. Acesso em: 29 out. 2023.

DIÁRIO OFICIAL (Município). **Decreto nº 58.226, de 15 de maio de 2018.** Aprova o Projeto de Intervenção Urbana para a Zona de Ocupação Especial do Complexo do Pacaembu, composto pelo Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho e por seu Centro Poliesportivo – PIU-Pacaembu.. . São Paulo, SP, 16 maio 2018. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/piu-pacaembu.pdf>. Acesso em: 29 out. 2023.

GOMES, Jaquielton. **Copa de 50: uma tragédia contada em seis palcos (Parte 1).** 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arqui-bancada/copa-de-50-uma-tragedia-contada-em-seis-palcos-parte-1/>. Acesso em: 16 set. 2023.

JUSBRASIL. **Réus do caso MSI/Corinthians são absolvidos por**

falta de provas. Disponível em: Réus do caso MSI/Corinthians são absolvidos por falta de provas. Acesso em: 16 set. 2023.

JUSTIÇA de SP libera demolição de tobogã no estádio do Pacaembu e recusa pedido para anular concessão do complexo esportivo. G1. São Paulo, p. 1-1. 01 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/01/justica-de-sp-libera-demolicao-de-toboga-no-estadio-do-pacaembu-e-recusa-pedido-para-anular-concessao-do-complexo-esportivo.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

MANCUSO, Felippo. **Iniciativa privada assume administração do Pacaembu e construirá prédio em trecho de arquibancada do estádio.** G1. São Paulo. 24 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/24/iniciativa-privada-assume-administracao-do-pacaembu-e-construira-predio-em-trecho-de-arquibancada-do-estadio.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

MEU TIMÃO. **A era MSI.** Disponível em: https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_era_msi. Acesso em: 16 set. 2023.

MEU TIMÃO. **A invasão corinthiana no Maracanã.** Disponível em: https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/a_invasao_corinthiana_no_maracana. Acesso em: 16 set. 2023.

MEU TIMÃO. **Corinthians 0 x 5 Athletico-PR - Brasileirão 2004.** Disponível em: https://www.meutimao.com.br/jogo/1842/brasileirao_2004/corinthians-0-x-5-athletico-pr. Acesso em: 16 set. 2023.

MEU TIMÃO. **Corinthians 1 x 3 River Plate - Oitavas de final - Libertadores 2006.** Disponível em: https://meutimao.com.br/jogo/1699/libertadores_2006/corinthians-1-x-3-river_plate. Acesso em: 16 set. 2023.

MEU TIMÃO. **Corinthians 2 x 0 Boca Juniors - Final - Libertadores 2012.** Disponível em: https://www.meutimao.com.br/jogo/353/libertadores_2012/corinthians-2-x-0-boca_juniors#google_vignette. Acesso em: 16 set. 2023.

PELÉ no dicionário: outros nomes de pessoas que deram origem

a **verbetes**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/04/27/pele-no-dicionario-outros-nomes-de-pessoas-que-de-ram-origem-a-verbetes.ghtml>. Acesso em: 4 out. 2023.

PIMENTEL, Guilherme. **Justiça de SP acolhe pedido de moradores e impede demolição do tobogã do estádio do Pacaembu**. G1. São Paulo, p. 1-1. 12 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/12/justica-de-sp-acolhe-pedido-de-moradores-e-impede-demolicao-do-toboga-do-estadio-do-pacaembu.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

PORTAL TERRA. **Justiça absolve Kia e Dualib no caso MSI/ Corinthians**. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/corinthians/justica-absolve-kia-e-dualib-no-caso-msicorinthians,-38cb06ec26e25410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 16 set. 2023.

PREFEITURA publica edital de concessão do Complexo Pacaembu. Disponível em: <https://www.spparcerias.com.br/noticia/prefeitura-publica-edital-concessao-complexo-pacaembu>. Acesso em: 29 out. 2023.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Congresso. Senado. Constituição (1988). **Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993**. Regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, institui normas para licitações e contratos da Administração Pública e dá outras providências... Brasília, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8666compilado.htm. Acesso em: 29 out. 2023.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Congresso. Câmara dos Deputados. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Brasília, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 1 nov. 2023.

PROCESSO de tombamento nº 26.288/1988. **Fundo Secretaria de Cultura**, notação: 20.1.683.1, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

RAMPAZZO, G. F. **O Fim da Festa e da História: Os efeitos da arenização nos estádios e arenas de futebol**. Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1–25, 2021. DOI: 10.23925/2675-8253.2021v2liA4. Disponível em: <https://revistas.pucsp>.

br/index.php/avesso/article/view/53174. Acesso em: 11 maio. 2023.

RÉGIS, Dóris; PONS, Juliana. **As pioneiras do Pacaembu: 80 anos da estreia do futebol feminino no Estádio Municipal**. Disponível em: <https://medium.com/museu-do-futebol/as-pioneiras-do-pacaembu-80-anos-da-estrela-do-futebol-feminino-no-est%C3%A1dio-municipal-a61f6b9351b2>. Acesso em: 16 set. 2023.

RIBEIRO, Bruno. **Após vitória na justiça, Doria indica nomes da nova composição do Condephaat**. Uol. São Paulo. 11 jun. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/06/11/apos-vitoria-na-justica-doria-indica-nomes-da-nova-composicao-do-condephaat.htm>. Acesso em: 1 nov. 2023.

RIBEIRO, Gabriela; MERGUIZO, Marcel. **Atletismo e natação devem voltar ao Pacaembu mais de 60 anos após ápice no Pan de SP**. Globo Esporte. São Paulo. 26 jun. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/blogs/blog-olimpico/post/2023/06/26/atletismo-e-natacao-devem-voltar-ao-pacaembu-mais-de-60-anos-apos-apice-no-pan-de-sp.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RODRIGUES, Rodrigo. **MP é acionado após concessionária do Pacaembu colocar cadeiras à venda; ‘violação do patrimônio histórico’**. G1. São Paulo. 29 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/29/mp-e-acionado-apos-concessionaria-do-pacaembu-colocar-cadeiras-a-venda-violacao-do-patrimonio-historico.ghtml>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SANTIAGO, Tatiana. **Tobogã do Pacaembu começa a ser demolido após Prefeitura de SP autorizar obras de reforma do estádio**. G1. São Paulo, p. 1-1. 29 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/06/29/prefeitura-de-sp-autoriza-inicio-das-obras-do-pacaembu-com-a-demolicao-do-toboga-do-estadio.ghtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

SANTOS FC x Vasco no Pacaembu: **Sócios podem adquirir ingressos a partir de R\$7,50 no tobogã**. 2018. Disponível em: <https://www.santosfc.com.br/santos-fc-x-vasco-no-pacaembu-socios-podem-adquirir-ingressos-a-partir-de-r-750-no-toboga/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SALGADO, Diego. **Após promessa, Corinthians soma 12 anos sem jogar no Morumbi como mandante.** 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/05/apos-promessa-corinthians-soma-12-anos-sem-jogar-no-morumbi-como-mandante.htm>. Acesso em: 16 set. 2023.

SÃO PAULO, Câmara Municipal de São (org.). **Audiência Pública: intervenções recentes no complexo esportivo do Pacaembu.** São Paulo, 2022. 77 p. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciaspublicas/wp-content/uploads/2022/07/AP19271-2022Educ.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SÃO PAULO (Estado). **Decreto nº 64.186, de 15 de abril de 2019.** Altera a redação dos dispositivos que especifica do Decreto nº 50.941, de 5 de julho de 2006, que reorganiza a então denominada Secretaria da Cultura, atual Secretaria da Cultura e Economia Criativa, e dá providências correlatas. São Paulo, SP: Diário Oficial, 16 abr. 2019. v. 129, n. 72. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Decreto-n%C2%BA-64.186-de-15.04.2019.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SÃO PAULO (Município). **Decreto nº 56.901, de 29 de março de 2016.** Dispõe sobre a elaboração de Projeto de Intervenção Urbana, nos termos do disposto no artigo 134 da Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014 - Plano Diretor Estratégico - PDE.. São Paulo, SP, Disponível em: <http://documentacao.camara.sp.gov.br/iah/fulltext/decretos/D56901.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SÃO PAULO (Município). **Decreto nº 58.226, de 15 de maio de 2023.** São Paulo, SP, Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-58226-de-15-de-maio-de-2018>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SÃO PAULO (Município). **Decreto nº 62.652, de 9 de agosto de 2023.** Modifica parcialmente a estrutura organizacional da Secretaria Municipal de Cultura, bem como altera o Decreto nº 58.207, de 24 de abril de 2018, e a distribuição dos cargos em comissão da Secretaria Municipal de Cultura, nos termos do artigo 19 da Lei nº 17.708, de 3 de novembro de 2021. São Paulo, SP, Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-62652-de-9-de-agosto-de-2023>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SÃO PAULO (Município). **Lei nº 11.256, de 6 de outubro de 1992**. São Paulo, SP, Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11256-de-6-de-outubro-de-1992>. Acesso em: 16 set. 2023.

SÃO PAULO. MINISTÉRIO PÚBLICO DE SÃO PAULO. (org.). **Promotoria de Justiça pede suspensão de contrato firmado para concessão do Pacaembu**. 2019. Disponível em: <https://mpsp.mp.br/w/promotoria-de-justi%C3%A7a-pede-suspens%C3%A3o-de-contrato-firmado-para-concess%C3%A3o-do-pacaembu>. Acesso em: 29 out. 2023.

SÃO PAULO. MINISTÉRIO PÚBLICO. (org.). **Parecer técnico: piu pacaembu; análise de justificativa para a ausência de grupo gestor**. São Paulo, 2023. 25 f.

SÃO PAULO. TRIBUNAL DE CONTAS DO MUNICÍPIO. **Mesa Técnica Concessão Pacaembu**. São Paulo: S.I., 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=THbNGJvBSXg>. Acesso em: 1 nov. 2023.

SETO, Guilherme. **Decreto de Doria afasta Kassab da Casa Civil do Governo de São Paulo**. Folha de São Paulo. São Paulo. 4 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/decreto-de-doria-afasta-kassab-da-casa-civil-do-governo-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 29 out. 2023.

STEIN, Leandro. **Como Leônidas da Silva ajudou Flamengo e São Paulo a se tornarem clubes de massa**. 2023. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/15-anos-sem-leonidas-como-o-diamante-negro-tornou-flamengo-e-sao-paulo-clubes-de-massa/>. Acesso em: 8 out. 2023.

TORCEDOR morreu em Campinas. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/03/esporte/3.html>. Acesso em: 11 out. 2023.

TORCIDAS foram extintas, mas ressurgiram. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0109201108.htm>. Acesso em: 11 out. 2023.

TRICOLOR define preços para San-São com tobogã a R\$ 10 no Pacaembu. 2016. Disponível em: <https://www.lance.com.br/sao-paulo/tricolor-define-precos-para-san-sao-com-toboga-pacaembu.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

VALENTINI, Danilo. **Corinthians perde, cai e faz Pacaembu virar caos**. 2006. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2006/05/04/ult59u101946.jhtm>. Acesso em: 16 set. 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Conheça a rede de empresas que ganhou a concessão do Pacaembu**. Uol Esporte: Coluna Olhar Olímpico. São Paulo. 22 out. 2019. Disponível em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2019/10/22/conheca-a-rede-de-empresas-que-ganhou-a-concessao-do-pacaembu/>. Acesso em: 29 set. 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Moradores entram com ação para tentar cancelar concessão do Pacaembu**. Uol Esporte. São Paulo. 19 jul. 2018. Disponível em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2018/07/19/moradores-entram-com-acao-para-tentar-cancelar-concessao-do-pacaembu/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Praça Charles Miller pode ser privatizada por perdas do Pacaembu com covid**. Uol Esporte. São Paulo, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2022/01/26/concessionaria-quer-pacembu-por-mais-15-anos-para-compensar-perda-com-covid.htm>. Acesso em: 29 out. 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Prefeito rejeita entregar praça Charles Miller à concessionária do Pacaembu**. Uol Esporte. São Paulo. 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2022/09/15/prefeito-rejeita-entregar-praca-charles-miller-a-concessionaria-do-pacaembu.htm>. Acesso em: 29 out. 2023.

VECCHIOLI, Demétrio. **Prefeitura impõe sigilo em documentos sobre futuro do Pacaembu**. Uol Esporte. São Paulo. 6 abr. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2022/04/06/prefeitura-impoe-sigilo-em-documentos-sobre-futuro-do-pacaembu.htm>. Acesso em: 29 out. 2023.

WOLFF, Silvia Ferreira Santos. **“O seu, o meu, o nosso...” ou Terra de quem? Interesses públicos (e privados) no Pacaembu**. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.268/8595>. Acesso em: 2 out. 2023.

Projeto gráfico: Aline Ramalho
Arte da capa: César Cartum
Tipografia: Crimson Text

Trabalho de Conclusão de Curso
Jornalismo UFSC
Dezembro de 2023



“Não é a sua casa, só que você se sente em casa mesmo assim. Ali a ideia de luxo, sofisticação, exuberância fica resignificado. Você estava no Pacaembu e sabia que aquele não era o estádio mais confortável do Brasil, mas você sabia que aquele estádio tinha sido o mais moderno do país por muito tempo. Então sempre chamei casa da vó, não é a minha casa, só que às vezes é até mais aconchegante do que se fosse”

Leandro Iamin, jornalista

